

Estátua de Francisco Pizarro erigida em frente à catedral da capital do Peru. Pizarro foi chefe dos conquistadores do império dos incas e fundador da cidade de Lima



EM GUARDA

ANO 4

Para a defesa das Américas

N.5

O SANTO SEPULCRO, QUADRO DE FRA ANGÉLICO



UNIDAS NA GUERRA E NA PAZ



TRÊS NAÇÕES COMPROMETEM-SE A ACELERAR A VITÓRIA E A MANTER A SEGURANÇA UNIVERSAL

EM uma pequena e mal-conhecida localidade na península da Criméia, no Mar Negro, um grupo de estadistas mundiais e próceres militares ultimaram acordos destinados a afetar o curso da história e do progresso humano por muitas gerações.

Ficaram assentadas em suas linhas gerais as medidas militares finais destinadas a levar a cabo a derrota da Alemanha nazista; além-disso, as referidas três potências mundiais, oferecendo ao mundo um grande exemplo de cooperação e de unidade de propósitos, lançaram decididamente as bases de uma paz mundial duradoura.

A completa mudança verificada no curso da guerra nesses quatorze meses trouxe à tona novos problemas militares e políticos nos intervalos das reuniões dos líderes dos Estados Unidos, Gran Bretanha e Rússia Soviética.

Quando o Presidente Franklin D. Roosevelt, o Primeiro Ministro Winston Churchill e o Marechal Josef Stalin se encontraram pela primeira vez em Teerán, em fins de 1943, as potências do Eixo dominavam ainda a Europa e a Ásia. A consecução da vitória dos Aliados era o problema mais importante quando aqueles países, pelos seus referidos líderes, penhoraram sua leal cooperação nos assuntos militares e políticos.

É verdade que os Aliados já haviam então expulso os nazistas da África do Norte e que, a Itália se rendera poucos meses antes. Mas os alemães disputavam renhidamente cada palmo de terreno ao avanço aliado na península italiana; tóda a França, Bélgica, Holanda, Noruega, Finlândia, e a Europa Central sem exceção

— desde a Estônia, no Mar Báltico, até a Grécia, no Mediterrâneo, achavam-se sob o poder dos nazistas; grandes massas do exército alemão ainda dominavam considerável parte da Rússia ocidental, ao sul, até a península da Criméia, no Mar Negro.

Vista do Palácio de Livadia, do ex-cesar Nicolás II, em Yalta, na Criméia, onde se realizou a recente e histórica conferência



(Continua)

A momentosa conferência da Criméia selou a sorte da Alemanha e reafirmou a comunhão de propósitos dos EUU., Inglaterra e Rússia de estabelecerem uma paz duradoura. Presentes vêem-se o Presidente Roosevelt, o Marechal Stalin e o Primeiro-Ministro Churchill, e seus respectivos secretários

EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 West 42nd Street, Nova York, Estados Unidos da América. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estado da Pensilvânia. Circulação: 100 mil exemplares de segundo na repartição dos Correios, de Filadélfia, Estado da Pensilvânia, Estados Unidos da América, a 4 de Abril de 1941, de acordo com o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879. Ano 4, Número 5. Copyright 1945 by Business Publishers International Corporation—Propriedade literária registrada em 1945 pela Business Publishers International Corporation.

uir-se à Conferência Interamericana sobre os Problemas da Guerra e da Paz a realizar-se em fins de fevereiro para estudar a situação do hemisfério ocidental em face do sistema de segurança mundial projetado na conferência de Dumbarton Oaks, além de grande número de outras questões vitais para o futuro das Américas.

A conferência de Teerán e suas decisões foram, por necessidade, predominantemente militares. A reunião da Criméia foi não sómente militar, para decidir sobre os golpes finais a serem vibrados contra a Alemanha — a leste, ao sul, a oeste e ao norte — como ainda se ocupou do grande número de problemas de ordem política surgidos com a libertação das várias nações e territórios, tendo também servido para reafirmar os princípios da Carta do Atlântico como a Magna Carta da vida nacional e internacional, dedicando ainda cuidadoso estudo às linhas gerais da futura conferência da paz e da estrutura que deverá ter a nova sociedade das nações.

Destaca-se em importância, entre os acordos anunciados, a garantia dada a todas as nações, de que lhes caberá o direito de escolher livremente a sua própria forma de governo.

“Estamos resolvidos,” prometeram ainda, “a desarmar e dissolver por completo as forças armadas alemãs; a acabar de uma vez para sempre com o estado-maior germânico, que tem repetidamente feito ressuscitar o militarismo prussiano; a remover ou destruir todo o equipamento militar alemão; a eliminar ou controlar toda a indústria alemã que possa ser utilizada para produção militar; a submeter os responsáveis por todos os crimes da guerra a rápido julgamento e punição, e a exigir reparação em espécie pelas destruições causadas pelos alemães; a eliminar o partido nazista, abolir as suas leis, organizações e instituições; remover todos os

O Presidente Roosevelt e o Primeiro-Ministro Churchill discutem alguns dos problemas da conferência. Ao centro, S. T. Early, secretário do presidente

O Marechal Joseph Stalin e o Presidente Roosevelt trocam impressões sobre vários aspectos da guerra europeia, entre as sessões da conferência de Yalta



A delegação dos EUU na conferência. Da esq. para a dir.: Secretário de Estado E. R. Stettinius, Gen. L. S. Kuter, Almirante King, Gen. Marshall, o Embaixador na Rússia, Harriman; Almirante Leahy e o Presidente Roosevelt

elementos influentes nazistas e militaristas dos cargos públicos e dos que tenham a ver com a vida cultural e econômica do povo alemão e, dentro de tal programa, a tomar, na Alemanha, todas as medidas que possam ser julgadas necessárias à futura paz e segurança do mundo. “Nosso propósito não é destruir o povo alemão; mas só quando o nazismo e o militarismo tiverem sido extirpados, poderá ele aspirar a melhor futuro.”

Assim, a primeira tarefa a que nos impomos é a derrota completa da Alemanha nazista. É uma tarefa que se impõe primeiro que tudo às nações que lutam contra os exércitos de Hitler. Em segundo lugar vem a completa derrota dos imperialistas japoneses. Mas mesmo antes disso, a principal preocupação é o traçado de uma paz duradoura e a formação de uma organização internacional de paz nas linhas propostas nas conversações de Dumbarton Oaks.

Ação internacional

“Acreditamos,” observa a declaração Roosevelt-Churchill-Stalin, de Yalta, “que isso é essencial, tanto para evitar futuras agressões, como para suprimir, através da colaboração íntima e contínua de todos os povos pacíficos, as causas políticas, econômicas e sociais da guerra.”

Além dessas realizações, a conferência da Criméia chegou a acordo sobre um plano de ocupação da Alemanha, logo após o esmagamento do regime nazista. Cada uma das três potências, ao lado da França, deverá ocupar uma zona separada com uma comissão central controladora representando os quatro governos, para coordenar a administração.

A conferência da Criméia acordou ainda que, durante o período de instabilidade da Europa liberada, os três governos auxiliariam e socorreriam os povos e os governos, inclusive os dos antigos Estados satélites do



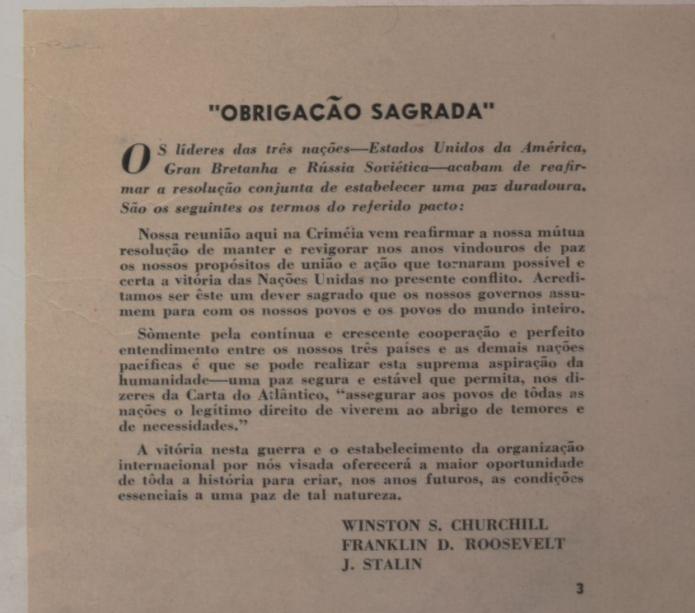
Eixo a “resolver por meios democráticos os seus prementes problemas de ordem política e econômica”, ajudando-os a estabelecer a ordem, a reconstruir sua vida econômica nacional, e a “criar instituições democráticas de sua própria escolha.”

A mais alta aspiração da humanidade — uma paz segura e duradoura — pode realizar-se, disserem, sómente com a continua e crescente cooperação e entendimento de todas as nações pacíficas do mundo. A vitória e o estabelecimento de uma forte organização mundial de paz, predizem elas, “oferecerá ao gênero humano a maior oportunidade de toda a história para criar, nos anos vindouros, as condições essenciais a uma tal paz.”

O Presidente Roosevelt fez uma viagem à volta do mundo para tomar parte na conferência da Criméia, logo após a cerimônia da sua posse no cargo de chefe do Poder Executivo dos Estados Unidos da América, para o qual foi eleito pela quarta vez pela nação em guerra. Consigo levou Sua Exceléncia outras formas tangíveis do apôlice nacional aos seus esforços para acelerar a vitória final e estabelecer as medidas preparatórias preliminares para a paz universal.

Essas provas inofensivas do apoio público tornaram-se ademas evidentes na manifestação do país ante os resultados palpáveis da conferência da Criméia. Isso ficou patenteado nos artigos editoriais dos principais jornais e revistas de várias tendências políticas, no tom das discussões e palestras das ruas sobre os acordos alcançados, e nas palavras, do próprio ex-Presidente Herbert Hoover, que os caracterizou como “uma base sólida para a reconstrução do mundo.”

A conferência, segundo ficou universalmente reconhecido, foi mais uma prova da união dos Aliados, da sua inabalável força de decisão, e de certo muito contribuiu para o triunfo da causa da paz universal.



“OBRIGAÇÃO SAGRADA”

Os líderes das três nações—Estados Unidos da América, Gran Bretanha e Rússia Soviética—acabam de reafirmar a resolução conjunta de estabelecer uma paz duradoura. São os seguintes os termos do referido pacto:

Nossa reunião aqui na Criméia vem reafirmar a nossa mútua resolução de manter e reinvigorir nos anos vindouros de paz os nossos propósitos de união e ação que tornaram possível e certa a vitória das Nações Unidas no presente conflito. Acreditamos ser este um dever sagrado que os nossos governos assumem para com os nossos povos e os povos do mundo inteiro.

Sómente pela continua e crescente cooperação e perfeito entendimento entre os nossos três países e as demais nações pacíficas é que se pode realizar esta suprema aspiração da humanidade—uma paz segura e estável que permita, nos dizeres da Carta do Atlântico, “assegurar aos povos de todas as nações o legítimo direito de viverem ao abrigo de temores e de necessidades.”

A vitória nesta guerra e o estabelecimento da organização internacional por nós visada oferecerá a maior oportunidade de toda a história para criar, nos anos futuros, as condições essenciais a uma paz de tal natureza.

WINSTON S. CHURCHILL
FRANKLIN D. ROOSEVELT
J. STALIN

NAVIOS E MAIS NAVIOS

AS LIÇÕES DA PRESENTE GUERRA APONTAM A NECESSIDADE DE
DESENVOLVER A MARINHA MERCANTE DAS NAÇÕES AMERICANAS

A RESTAURAÇÃO da paz, após a vitória para a qual tanto têm cooperado as nações americanas, virá assinalar um extraordinário desenvolvimento nas rotas marítimas do Novo Mundo. Estas serão entrecortadas por navios de todas as Américas, em número nunca antes atingido, disposta de maior tonelagem, maior capacidade de carga e de passageiros e de muito maior velocidade. Os portos de escala serão mais numerosos e o movimento, também mais intenso, verá a navegação interamericana feita por navios sob as bandeiras de quase todas as repúblicas do nosso hemisfério.

Das contingências da guerra as nações americanas têm colhido proveitosos ensinamentos que lhes serão de grande utilidade nos planos de expansão de sua marinha mercante, depois da cessação das hostilidades. Enquanto isto, as crescentes necessidades militares nos teatros da guerra continuam a impôr limitações na praça para o comércio do hemisfério, restringindo o espaço disponível a bordo unicamente para o movimento de mercadorias mais essenciais e de matérias primas. Os exércitos aliados, que com tanto vigor estão fazendo recuar o inimigo em todas as frentes na Europa e no Pacífico, dependem de abastecimentos feitos através de longas viagens transoceânicas em navios dos Estados Unidos. É um transporte vital que exige milhões de toneladas de praça. As grandes batalhas travadas na Europa Ocidental têm absorvido quantidades enormes de materiais, e a campanha no Pacífico é essencialmente um conjunto de operações que depende do transporte marítimo. Mas a despeito de todas as dificuldades do momento, as nações americanas enfrentam confiantemente o porvir, preparando-se para reatar e desenvolver o seu comércio e navegação do tempo de paz.

O Brasil, que ao entrar na guerra possuia a maior frota mercante da América do Sul e a décima-quarta do mundo, já tem em estudos o aumento, consideravelmente, do total de seus navios de vários tipos. O Chile, que apurou a importância de seis milhões de dólares resultante da venda de seus navios *Aconcagua*, *Copiapo* e *Imperial* aos Estados Unidos, mantém a soma apurada como depósito para efetuar a compra, na América do Norte, logo que terminar a guerra, de novas unidades de

igual ou superior deslocamento e velocidade. Cuba projeta aumentar sua marinha mercante; o México está com seus estaleiros do golfo e os da costa do Pacífico em constante trabalho de construção de navios para a expansão de suas linhas de cabotagem e extensão de seus serviços na costa da América Central. A Colômbia, a República Dominicana, Panamá, Perú, Uruguai e Venezuela também cogitam de expandir suas frotas mercantes. Os Estados Unidos, por seu turno, terão depois da guerra, uma vultuosa marinha mercante, e contam transportar metade pelo menos da lotação de carga do seu comércio exterior.

Entre as nações da América a entrosagem de interesses recíprocos se manifesta na vida de todas. Quer se trate do consumo de bananas, de açúcar ou de café, produtos que se escalam em escala sempre ascendente no mercado norte-americano, ou seja a contínua disseminação do uso, nas nações ao sul, de automóveis, telefones ou material elétrico fabricados nos Estados Unidos, tudo se resume, em última análise, na vantagem da especialização de atividades básicas, condição que sempre conduz ao aumento ilimitado da capacidade produtiva. Há ainda a considerar o inestimável intercâmbio de idéias, no convívio de estudantes, de homens de negócios, de intelectuais e cientistas para solidificar proveitosamente a estratificação política, econômica e social do hemisfério.

Hoje, como há 79 anos, a navegação interamericana depende da produção, do consumo e do conceito em que se tenha o comércio internacional. Em 1914, quando começou a primeira guerra europeia, a importância desses fatores tornou-se sobremodo evidente para a navegação entre as Américas e para a própria independência das nações americanas. Naquela época, os Estados Unidos exportavam para os mercados do hemisfério mercadorias no valor total de 280 milhões de dólares, e importavam produtos avaliados em 468 milhões de dólares.

Durante aquele ano, os norte-americanos dispunham apenas de oitenta navios no serviço regular das linhas interamericanas, operados por doze companhias de navegação. Destas, onze estendiam o serviço aos portos do Mar das Antilhas e da costa ocidental da América Central. Não havia serviço de vapores norte-americanos na costa oriental da América do Sul.

mais navios, mais numerosos serão os portos de escala e maior o intercâmbio

Todo navio disponível é indispensável para o serviço de transporte de material bélico para as frentes de batalha. Aqui vemos um numeroso comboio a caminho

Na gravura abaixo vê-se o movimento de carga num pôrto das Américas. Havendo



Eis o que se aguarda para depois da guerra — crescente aumento de importação e exportação de matérias primas e produtos manufaturados de todas as Américas



Receia-se que nos primeiros meses da guerra o comércio interamericano sofresse uma séria redução, mas, na realidade, sucedeu o contrário, e de tal modo que, pouco depois de ser firmada a paz, o intercâmbio comercial dos Estados Unidos com as demais repúblicas americanas alcançava a extraordinária cifra de 3.250.000.000 de dólares por ano. Durante os anos subsequentes continuou crescendo esse comércio, porque à medida que aumentava a produção agrícola e se desenvolviam as indústrias, aumentavam também as vias de comunicação, fato que facilitava o transporte de produtos para os portos de embarque. Conquanto voltasse a competição mercantil com as nações europeias, a prática de embarcar os produtos latino-americanos em navios dos Estados Unidos aumentou.

Nas duas décadas de 1920 a 1940, não houve um só ano em que o comércio exterior dos países americanos com os Estados Unidos fosse inferior a 28 por cento do total. Nesse mesmo período, os Estados Unidos e as oito nações marítimas da América do Sul, juntamente com o México, Panamá, Honduras e Cuba, formaram uma frota composta de 1.525 navios mercantes, o menor dos quais deslocava pelo menos 2.000 toneladas. De sorte que, ao estalar a segunda guerra mundial, as nações americanas dispunham de uma marinha mercante de 9.000.000 toneladas, ou seja quase a quinta parte da tonelagem total do mundo. Contudo, o número de navios disponíveis para o comércio interamericano era insuficiente, por causa da necessidade de satisfazer as necessidades militares.

Depois da guerra, em que condições se encontrarão os países americanos com relação à marinha mercante? Em primeiro lugar, contarão com quatro vezes mais navios do que tinham em fins de 1941. Sómente os Estados Unidos terão 65 por cento da tonelagem total do mundo.

Em segundo lugar, serão vapores mais velozes, maiores e muito mais modernos em todos os sentidos. Por fim, há a considerar o comércio interamericano, ao qual se destinam muitos desses navios, num serviço que terá se desenvolvido bastante. Como prova, vale citar o valor dos produtos importados pelos Estados Unidos dos demais países da América, em 1943, valor que excedeu o triplo do verificado na exportação em 1938.

PÁSCOA - DIA DE PRECE E DE ESPERANÇA



Em Hollywood, no seu vasto e famoso anfiteatro ao ar livre, por ocasião da celebração dos ofícios religiosos do Domingo de Páscoa. Em baixo: Em muitos pontos das frentes de batalha os combatentes das Nações Unidas, entre petrechos bélicos, puderam elevar suas preces ao Salvador por um mundo de paz e justiça

A FÉ INSPIRADA À HUMANIDADE SOFREDORA PELA RESSURREIÇÃO DO SALVADOR DO MUNDO

PARA o mundo cristão, a Páscoa vem propiciar ocasião para um exame de consciência, renovando a fé e a esperança de elevarmos o nosso espírito às culminâncias do Altíssimo. Símbolo do sacrifício divino pela redenção da humanidade, a Páscoa é um recordatório de que o Cristo não morreu em vão, e de que Maria é a divina expressão da dor humana.

O exemplo do seu ingente sacrifício fortalece imensamente, nesta Páscoa de 1945, o coração dos povos pacíficos do mundo. Apestar das crueldades e sofrimentos causados em todo o orbe por cinco anos da guerra mais calamitosa de que há memória, tal exemplo revigora-lhes o ânimo para prosseguirem nos embates pelo sagrado ideal de uma existência melhor, espiritual e material, para a humanidade inteira.

Nos Estados Unidos as preces foram predominantemente por aqueles que se encontram nos campos de batalha. Os ofícios religiosos celebrados no Domingo de Páscoa, nos templos e ao ar livre, tiveram uma significação incomparável. A Páscoa deste ano não proporcionou ensejo para as tradicionais reuniões de família tão características dos tempos normais e

O SANTO SEPULCRO

FRA Angélico, autor do "Santo Sepulcro", passou a maior parte de sua vida num monastério em Fiesole, Itália, e no convento de San Marco, Florença. O quadro foi executado no período entre 1450 e 1455, tendo o artista falecido neste último ano. Num jardim cerrado, perto de um sepulcro de pedra, o corpo de Cristo jaz numa mortalha, nas mãos de José de Arimatéa e Nicodemos. A Virgem Dolores apoiada por duas santas mulheres, está atrás de São João. A Madalena ajoelha-se para beijar os pés do Salvador, e, à direita, outra santa mulher oculta nas mãos o rosto em pranto. No lençol branco estão a coroa de espinhos, a torquês, três cravos e um martelo. Ao fundo vê-se o Monte Gólgota, com as três cruzes. O quadro está na coleção Kress, na Galeria Nacional de Arte, em Washington, celebrada pelas suas obras-primas.



Num dos estaleiros de construção naval na Califórnia. Dois gigantescos guindastes suportam a simbólica Cruz durante um momento de pausa pelos operários, para comemorar a ressurreição. Na gravura em baixo vê-se um aspecto da famosa catedral de São Patrício, em Nova York, centro das celebrações da Páscoa



venturosos. Os lares estão desfalcados pelas prementes necessidades da guerra. Em quase todos se nota o fervor no desempenho de responsabilidades diretamente ligadas com a luta pela vitória, não sómente com a presença de membros da família entre as forças combatentes, senão como na participação nos trabalhos da indústria bélica. Nos leitos dos hospitais estão em tratamento inúmeros feridos em combate; e em solo estrangeiro jazem tantos outros heróis, dormindo o sono eterno.

Significativas das esperanças do mundo são as palavras do Presidente Franklin D. Roosevelt ao render graças aos altos desígnios da Divina Providência:

"Em Sua infinita magnanimidade Deus Todo Poderoso abençou profusamente a nossa pátria, dando ao nosso povo um coração forte e braços vigorosos para bater-se na luta dignificante pela liberdade e pela verdade. Agraciou nossa pátria com a suprema fé que já se transformou na esperança de todos os povos num mundo dilacerado de dor e angústia. A Ele dirigimos nossas preces para que nos conceda a ansiosa faculdade de enfrentarmos o nosso destino trilhando a senda que nos há-de conduzir a uma vida melhor para nós e para todos os nossos semelhantes na magna realização do Seu desejo de paz na terra."

Para os povos em várias regiões libertadas do mundo, a comemoração da ressurreição do Nosso Redentor marca, este ano, o prenúncio do renascimento de suas próprias pátrias. Suas esperanças traduzidas em preces por uma pátria mais feliz e uma paz justa e duradoura foram tão fervorosas quanto as daqueles que, subterraneamente, ainda se batem contra o jugo do Eixo, numa demonstração irrefragável de que jamais admitirão a conciliação da luz e das trevas.

Na antiga catedral de Notre Dame, em Paris; em Roma, o grande centro religioso do mundo; nas recém-libertadas ilhas do Pacífico, onde a Cristandade foi primeiro levada pelos missionários espanhóis, através do México, no século desse — nestas e noutras terras os fieis puderam novamente observar as comemorações da Páscoa como povos livres do estigma de uma subjugação que horrorizou o mundo. Em todos os pontos do planeta a fé religiosa mais uma vez imperou, animando os corações bem formados a pensar num futuro melhor, mais humano.

Para os combatentes nas linhas de fogo, a Páscoa só pode ser observada com preces individuais, nos céleres momentos de repouso. Ao enaltecer o tributo desses heróis, assim se expressou o Arcebispo D. Francis J. Spellman, Vigário Geral das forças armadas dos Estados Unidos:

"Dêles é a nobilíssima convicção de que sofrem e morrem para levar a seus semelhantes a salvação e a paz. Compete a todo ente humano demonstrar que elas não morrem em vão. Se, com os sobreviventes deste holocausto, sobreviver o espírito de justiça, de caridade e tolerância, terá a humanidade triunfado na luta contra o ódio, a desconfiança e a força bruta; contra o nacionalismo obtuso, a discordia e os preconceitos de raça."



A Biblioteca do Congresso, em Washington, é o repositório de dois grandes documentos históricos, a Declaração de Independência e a Constituição, em exibição à esquerda. A cena à direita é um aspecto do salão principal de leitura, onde há sempre grande afluência de leitores de todas as camadas sociais



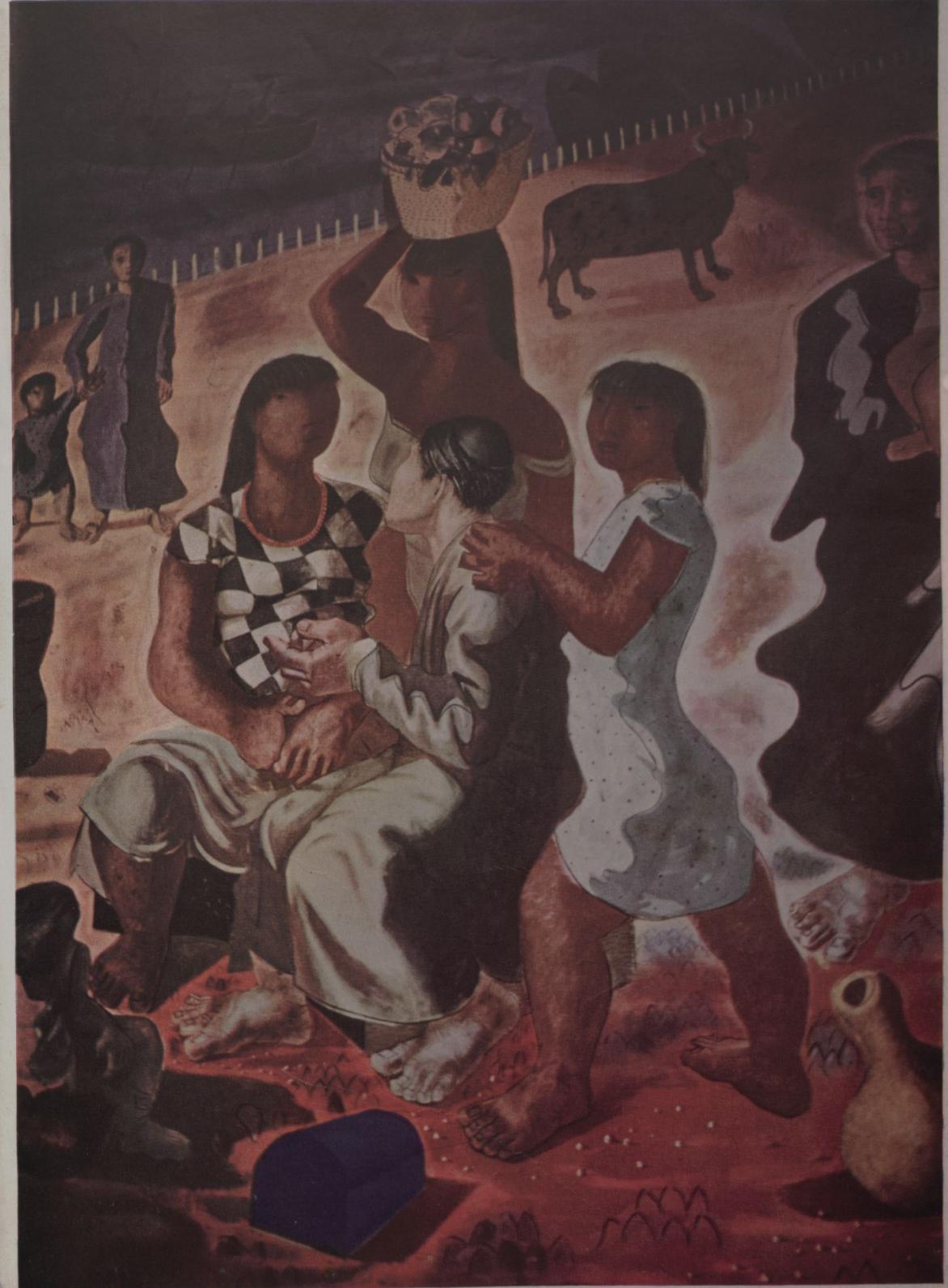
A Biblioteca do Congresso

DE FRONTANDO o majestoso palácio do Capitólio, em Washington, ergue-se uma das mais imponentes estruturas arquitetônicas da capital norte-americana — a do maior e mais rico edifício de biblioteca do mundo. Conquistado geralmente conhecida por Biblioteca do Congresso, na realidade, a sua vastíssima coleção composta de volumes procedentes de toda parte, é de uma utilidade que aproveita a todos, congressistas, profissionais, professores, estudantes ou simples leitores componentes da grande massa anônima que frequenta as bibliotecas.

Ao contemplar-se, de um dos balcões interiores, os tranquilos leitores e os empregados no salão principal de leitura, tem-se a impressão de que ali é um dos poucos lugares em que se pode atualmente, na absorção sonhadora de um mundo de livros, esquecer a guerra e os problemas do momento. Mas aquela atmosfera de sossego é enganosa. Porque portas a dentro do maior templo consagrado ao livro há sempre mais do que se regista numa simples impressão ocular: aqui são técnicos militares estudando cívidados e secretamente, em microfilmes, uma nova aplicação de materiais estratégicos; ali são pesquisadores empenhados na seleção de raros documentos de momentosa utilidade para os legisladores; noutras salas, compositores ou simples amantes da música ouvem, com especial interesse, discos selecionados, enquanto que num dos amplos corredores uma turma de colegiais alinhados em frente às exibições emolduradas de famosos documentos históricos se extasia na leitura da Declaração de Independência. Em 1800, quando a Biblioteca do Congresso foi instalada no próprio edifício do Capitólio, mal se podia imaginar a enorme expansão que iria ter, tornando-se uma das maiores instituições do mundo. Naquele tempo, a sua

(Continua)

O belo edifício da Biblioteca do Congresso (em baixo), um dos mais proeminentes da capital norte-americana. Na gravura à direita observa-se o artístico salão de leitura na rotunda. No edifício principal e no anexo encontram-se dezoito milhões de volumes e publicações precedentes de todas as partes do mundo



Para as salas hispanas Candido Portinari pintou quatro murais sobre a cultura hispano-americana. Na gravura vemos um sobre o ensino dos selvícolas



A enorme biblioteca dispõe de numeroso pessoal para zelar pelos livros e fazer a catalogação e encadernação de numerosíssimos panfletos, revistas e jornais



A seção hispana — rico tesouro de informações constantemente procurado por leitores norte-americanos e visitantes procedentes das outras Américas

pequena coleção era raramente manuseada, a não ser pelos congressistas. O seu crescimento sofreu vários revezes, sendo os maiores notáveis o incêndio ocorrido durante a guerra de 1812, que a destruiu completamente, e outro incêndio, em 1851, no qual ficou destruída grande parte da valiosa coleção de Thomas Jefferson, terceiro presidente dos Estados Unidos.

Mas a despeito destes desastres a biblioteca, em 1897, já tinha crescido tanto que foi necessário mudá-la para o outro lado da rua, instalando-a em edifício próprio, das dimensões de um quarteirão inteiro. É uma bela estrutura em estilo Renascimento. Desde 1897, seus salões dotados de colunas de mármore e belos fôrros de mosaico têm sido um réceptáculo digno dos tesouros da biblioteca. O rápido aumento de volumes e publicações tornou indispensável a construção de outro edifício no lado oposto da rua, com salões de leitura e imensos arquivos. Neste edifício anexo estão as coleções de centenas de jornais norte-americanos e estrangeiros, e a sua leitura desvenda a história do mundo durante um longo período.

Nos dois edifícios estão catalogados 18 milhões de volumes e publicações de toda sorte, sendo sete milhões de livros e panfletos; mais de um milhão e meio de volumes sobre música e peças musicais; um milhão e meio de mapas e vistas; meio milhão de gravuras e sete milhões e meio de manuscritos. Com a guerra, a coleção tem sido acrescida de preciosos documentos pertencentes às nações aliadas, enviadas como medida de segurança para a Biblioteca do Congresso. Ainda recentemente voltou a ser exibida numa de suas salas a famosa Magna Carta da Inglaterra, depois de ter estado alguns anos oculta nos Estados Unidos.

O serviço técnico

A guerra também tem causado um aumento na freqüência da biblioteca. Este ano, a seção de referências acusou um acréscimo de 18.000 consultas pelo telefone em comparação com o total verificado no ano transato, e os auxiliares técnicos tiveram quase seis mil conferências a mais com pesquisadores. Para atender a este serviço da biblioteca há salas especialmente aparelhadas, como a destinada ao Serviço Cartográfico do Exército e a outras repartições oficiais.

Os questionários apresentados variam desde simples consultas sobre legislação até matérias complexas envolvendo assuntos geográficos, econômicos, de relações internacionais, científicos e técnicos. Na sala de gravação de discos foi preparada uma coleção completa de chapas fonográficas para o ensino do código Morse no Exército, e agora acha-se em gravação uma coleção de discos sobre todas as línguas vivas, para o mesmo fim. Já foram produzidos mais de um milhão de pés de microfilme para a Marinha, e na sala de microfilmes tem estado à disposição dos pesquisadores das nações aliadas grande soma de informações que não podem ser obtidas na forma original. O Congresso e as repartições oficiais também têm necessitado de maiores informações e detalhes para seus afazeres relacionados com o estado de guerra. Com esse propósito a biblioteca preparou profusa coletânea de dados sobre os acordos comerciais recíprocos, sobre estudos da economia alemã e resumo de artigos sobre os problemas de apósguerra.

Nesses últimos anos, a biblioteca tem correspondido ao interesse de seus frequentadores, dando maior ênfase aos assuntos interamericanos. Tem feito maior permuta de material com várias outras partes do hemisfério.

O ÁS DA AVIAÇÃO DE CAÇA

POPLAR é uma pequena vila do Estado de Wisconsin, no oeste central dos Estados Unidos. Tem meia dúzia de casas de negócios, uma empresa madeireira, uma estação de estrada de ferro temporariamente abandonada, várias residências, uma igreja e a escola pública. Mas desta pequena localidade de apenas 400 habitantes estão servindo nas forças armadas uma enfermeira, na Marinha, e 64 homens, inclusive o maior ás da aviação norte-americana. A vila orgulha-se de todos eles, especialmente do Major Richard I. Bong, que já abateu em

combate 40 aviões japoneses, total que representa o maior recorde para qualquer aviador dos Estados Unidos, em qualquer área da guerra. O povo de Poplar lembra-se dele como o prateleiro rapaz de cabelo russo, nariz arrebitado e fisionomia quase querubíca. Sempre popular nas reuniões locais, onde tocava clarinete, Richard também era assíduo no côrdo da igreja, aos domingos. Achava-se no segundo ano do Colégio para Professores do Estado, quando se dedicou à aeronáutica. Matriculou-se num curso de aviação civil e, em maio de 1941, alistou-se na Aviação Militar. Não tardou ganhar a reputação de excelente piloto de caça, pela sua calma e rara habilidade.

O Major Bong, que conta apenas 24 anos, modestamente atribui a "pura sorte" o elevado número de aviões inimigos que ele tem abatido. Mas seus colegas bem sabem que a principal razão do seu sucesso é uma magnífica pontaria, detalhe em que o jovem major se excede excepcionalmente, tornando-se assim um aviador de guerra de raras qualidades.

Bravo e modesto

Quando visitou recentemente sua terra natal, ao ser transferido para servir no interior do país, seus amigos juvenis que tanto o admiram, não ficaram satisfeitos enquanto não tiveram completa explicação sobre cada uma das 19 condecorações que o aviador já recebeu por atos de bravura e relevantes serviços prestados à pátria durante um período de tempo relativamente curto mas repleto de acontecimentos que entusiasmam. O major, porém, é muito modesto.



Bong, que já abateu 40 aviões japoneses, em palestra com o Major T. McGuire, morto recentemente

Às vezes, quando insistem muito, relata alguns dos seus mais sensacionais encontros com o inimigo, nos quais teve ocasião de abater quatro aviões "Zeros", japoneses. Relata também a sua milagrosa escapada, perto de Buma, quando enfrentou e abateu em combate um avião inimigo sobre as águas do Pacífico, ficando com o seu aparelho tão avariado que não teve outro recurso senão fazer "excelente aterrisagem forçada."



O Major Bong na guerra e no lar. Em cima, o grande ás sentado na nacelle do seu avião, pronto para entrar em combate. Em baixo: Em sua casa, na companhia de seus progenitores e sete irmãos e irmãs. Na gravação à esquerda, com sua esposa





Ação das forças canadenses na frente ocidental tem sido das mais notáveis. Na gravura vê-se a infantaria apoiada pela artilharia, num dos setores perto de Cleve, obrigando a retirada de inimigo



O que ele exige

“Espero que todo alemão cumpra o seu dever até o último momento, prontificando-se a fazer todos os sacrifícios que lhe forem impostos,” afirmou o líder nazista. E continuou: “Espero que todo alemão em condições de lutar bata-se sem se preocupar absolutamente com a sua própria segurança. Espero que os enfermos, os fracos e aqueles que estiverem incapacitados para a luta trabalhem até o extremo de suas forças.”

Commentando essa atitude, o sub-Secretário da Guerra dos Estados Unidos, Robert P. Patterson afirmou: “Não há dúvida que os asséclas de Hitler pretendem lutar até o último alemão.” Também no outro extremo do mundo, outro comparsa do Eixo está testemunhando o desenrolar de acontecimentos que só pressagiam uma formi-

Na gravura à esquerda: o estado em que ficaram milhares de veículos alemães. **Em baixo:** Centenas de alemães feito prisioneiros pelas tropas do Terceiro Exército dos Estados Unidos na campanha do Roer



AS BATALHAS DECISIVAS

ASITUAÇÃO militar na Europa, por ocasião de serem escritas estas linhas, apresentava-se desesperadora para a Alemanha. A leste, os exércitos dos Estados Unidos, Inglaterra e Canadá, avançavam cada vez mais profundamente em território alemão; a este, as legiões russas iam vencendo todos os obstáculos estando quase à portas de Berlim. Chegava a seu termo o décimo-secondo ano da ditadura de Adolfo Hitler, marcado pela desgraça e pela ruína que o seu regime trouxe para a Alemanha.

Há doze anos, o *fuehrer* tinha assumido o poder, jatando-se de que iria estabelecer um regime nazista que “duraria mil anos.” E desde então, em cada aniversário, até mesmo o ano passado, prometeu a vitória ao povo. Agora, no início do décimo-terceiro ano, a situação militar alemã entra em seu período agudo e Hitler pode prometer únicamente uma luta de morte.

dável derrota. As tropas americanas, numa campanha renhíssima avançaram contra as Filipinas, libertando-as depois de três anos de domínio japonês. E todos os dias gigantescas “superfortalezas voadoras” cruzam os céus sobre Tóquio e outros objetivos militares japoneses, lançando milhares de toneladas de explosivos de efeitos devastadores. Na China, a nova estrada aberta assegura mais um meio de levar o exterminio aos bárbaros dominadores do império do Sol Nascente.

Em terra, no ar e no mar

Tanto na Europa como na vasta área do Pacífico travam-se batalhas decisivas, em terra, no ar e no mar, enquanto novas e melhores armas postas em ação pelos beligerantes tornam a luta mais infernal.

Ao despontar do décimo-terceiro ano do regi-

me nazista sombras sinistras pressagiam o pior futuro para o Eixo, particularmente para a Alemanha. A nova ofensiva de inverno lançada pelos exércitos russos irrompeu de súbito nas planícies meridionais da Polônia. O assalto fulminante das tropas soviéticas começou com tremendo canhoneio contra um setor de 40 quilômetros das linhas nazistas, apoiando o avanço dos tanques e da numerosa infantaria que foi levando de vencida o inimigo, já incapacitado de firmar-se em qualquer ponto do terreno que ele parecia defender com tanto fervor. Simultaneamente, outras forças russas lançavam o assalto ao norte, através da Polônia; e da Prússia Oriental, contra o litoral do Báltico para encerar inescapavelmente mais de 200.000 combatentes nazistas.

Ao sul, mais outro corpo de exército irrompia atravessando a fronteira alemã na Silésia,

enquanto que uma poderosa coluna avançava resolutamente em direção de Berlim. Em três semanas, as tropas russas, com seu equipamento blindado, percorreram 480 quilômetros através da Polônia, de Varsóvia até os humerais da capital germânica.

Na frente italiana, as forças aliadas avançavam vagarosamente, enfrentando grande dificuldade causadas pelo inverno e pelo terreno, mas solidificando constantemente suas posições.

O extremo e desesperado esforço de Hitler procurando levantar o espírito de guerra alemão e convertê-lo em diabólico fanatismo foi contestado por uma nova ofensiva dos aliados contra a Alemanha ocidental.

E como resposta à violenta contra-ofensiva naziista levada a efeito em fins do ano passado, os aliados ocuparam novamente todo o território que haviam perdido. Quando a ofensiva russa

(Continua)



A infantaria russa em sua avançada contra as tropas alemãs, sobre terreno acidentado e lamenoso, por ocasião da sensacional ofensiva no leste

A artilharia russa em ação num ataque noturno, enquanto a aviação dos aliados cobre vários pontos do território alemão, em fulminantes raides





Vista de Manilha incendiada pelos japonêses, durante o inescapável ataque das forças americanas. Vê-se a fumaça elevando-se da Avenida Rizal, no centro comercial da cidade. As tropas americanas e os guerrilheiros filipinos libertaram centenas de prisioneiros encerrados pelos japonêses nos campos de Cabanatuan

obrigou os nazistas a reforçar seus exércitos na frente oriental, retirando várias divisões que enfrentavam os aliados nos setores orientais, tropas norte-americanas, britânicas e francêses avançaram pelos plainos de Colônia, penetrando na linha fortemente defendida de Siegfried. A manobra do Marechal de Campo Gerd von Rundstedt tendente a alcançar uma vitória na brecha aberta na zona das Ardenas, custou quase 40.000 baixas ao exército dos Estados Unidos. Mas também custou aos nazistas mais de 50.000 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros. Na cartada jogada por von Rundstedt perderam também numeroso material bélico. Sómente numa semana a aviação norte-americana destruiu enorme quantidade de auto-caminhões, tanques e veículos blindados do inimigo. Mais de três mil caminhões e vagões ferroviários ficaram destruídos e mais de três mil aviários.

Conquanto ainda esteja em condições de apresentar uma resistência tenaz, não há dúvida que a máquina de guerra nazista não é mais a poterossíssima força que foi até há um ano passado. Pouco a pouco tem-se desintegrado o seu formidável poder que quase chegou a dominar o mundo.

A aviação dos aliados, em formações de 3.000 aparelhos, todos os dias está atacando sem trégua as vias-férreas nazistas, suas vias de comunicações, centros industriais bélicos vitais e concentrações de tropas de



reforço. Enquanto isto, no Pacífico aumenta o círculo de fogo contra o Japão. A Aviação norte-americana domina completamente os ares. Os exércitos sob o comando do General Douglas MacArthur repetem as mesmas operações militares que, há três anos, se desenrolaram nas ilhas do arquipélago das Filipinas. Naquela ocasião foram os japonêses que invadiram a ilha de Luzón, derrotando as forças norte-americanas e filipinas, pondo seriamente em risco a sorte da Austrália.

Mas desta vez, foi o formidável poder aéreo, naval e militar dos Estados Unidos que assegurou a invasão das Filipinas, libertando Manilha e resgatando os prisioneiros de guerra americanos, capturados pelos japonêses durante os dias do seu efêmero triunfo. Esperava-se que o Japão fizesse um esforço supremo para deter o avanço das forças norte-americanas, por isso que a perda das ilhas Filipinas iria comprometer o sistema político-militar do Japão.

Durante duas semanas de intensa atividade no Mar da China, unidades da Terceira Esquadra dos Estados Unidos, sob o comando do Almirante William F. Halsey, destruiram ou avariaram mais de 600 aviões e aproximadamente 200 navios japonêses. Foi tão completo o domínio das águas inimigas por essa esquadra que, durante suas operações, não perdeu um só navio, registrando apenas a perda de 42 aviões. Estas novas vitórias elevaram a uma cifra considerável as perdas infligidas ao inimigo nestes últimos meses. Os japonêses perderam oitenta e nove unidades de guerra de vários tipos, além de 563 navios transportes e auxiliares e 4.500 aviões.

As superfortalezas B-29

Os ataques das gigantescas "Superfortalezas Voadoras" B-29 contra os objetivos militares no Japão e contra as posições dos japonêses na China aumentaram de intensidade. Durante este último período de renovada aticidade, foi inaugurada a importante estrada da Birmânia, que vai de Assam, na Índia, até a China. Pelo longo período de três meses, desde que os japonêses ocuparam a região de Lashio, o tráfego esteve suspenso. Agora poderão seguir por terra grandes quantidades de abastecimentos de guerra, medicamentos e outros petrechos destinados a China, para ativar a sua campanha contra os japonêses.

Conquanto ainda não se possa atribuir a nenhum fato militar, isoladamente, o êxito da ofensiva e os avanços dos aliados, as armas secretas e a nova estratégia militar de muito contribuíram para alcançar essas vitórias. Os detetores de submarinos muito têm feito para eliminar os perigos da campanha submarina no difícil período em que cada tonelada de material bélico dos Estados Unidos é desesperadamente necessitada na Europa; o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos aparelhos "Radar"; as bombas-foguetes, para aviões, tanques e navios; o novo tipo de altímetro para regular o fogo das baterias anti-aéreas, e os visores de bombardeio que facilitam aos aviões o lançamento de suas bombas com extrema acuracidade, a despeito da densidade das nuvens, todos estes recursos da guerra moderna desempenham um papel importantíssimo no conjunto das operações, dando aos aliados uma superioridade indiscutível de resultados decisivos.

Os nazistas também têm inventado e construído novos instrumentos de destruição: tanques mais poderosos e pesados; a bomba-foguete que em sete meses causou quase 9.000 mortes e feriram 21.084 pessoas na Inglaterra. Por sua vez, os aliados também construiram os aviões de retropropulsão, de fantástica velocidade e capazes de voar a grandes altitudes.

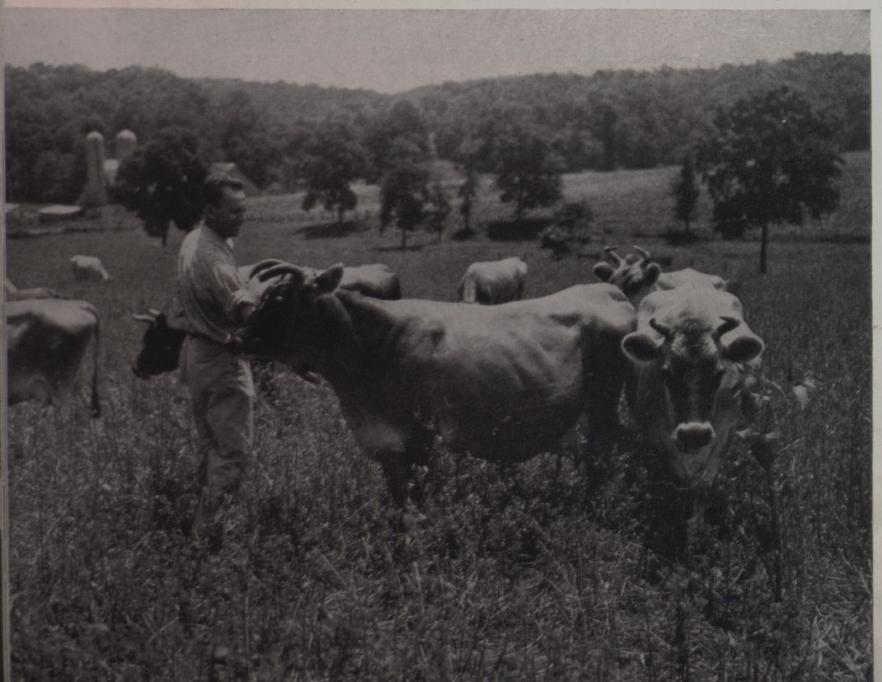
O bombardeio de Hong-Kong pela aviação naval americana. Em baixo: Um cargueiro de 4.500 toneladas, oficinas e centros militares em chamas, em Taikoo



AGRICULTURA CIENTÍFICA



Amélio Smith, ex-superintendente de um campo de produção de sementes no Maranhão, estudando novos métodos de pecuária e agricultura geral na fazenda do agente de condado T. T. Curtis, em Orange, Estado de Virgínia. Vêmo-lo na gravura acima (ao centro) trabalhando com dois auxiliares, num carregador de feno. Na gravura em baixo: O agente Curtis com algumas de suas vacas leiteiras, criadas com especial cuidado



O PROGRAMA INTERAMERICANO DE CONTATO PRÁTICO

COM OS NOVOS MÉTODOS

AGRICULTURA e pecuária em várias partes da América Latina apresentam problemas bastante similares aos observados em várias áreas dos Estados Unidos, e sua solução geralmente satisfaz a ambos os casos.

Tendo por base êste fato foi organizado um programa de ensino agrícola que, desde 1943, tem atraído aos Estados Unidos numerosos estudantes e estudiosos de todos os pontos do hemisfério para se especializarem praticamente no assunto. Um dos primeiros a valerem-se dessa oportunidade foi o Dr. Eduardo C. Pinheiro, prefeito de Monte Alegre, no Amazonas. Formado em medicina, seu interesse em agricultura se relaciona diretamente com a nutrição e a produção de alimentos, pois estudando-as melhor, conforme declarou, "poderá ser mais útil à sua comunidade."

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos e o Instituto de Assuntos Interamericanos convidaram uns 70 estudantes portadores de

bolsas para fazerem estudos especiais de agricultura e pecuária na América do Norte. São cursos de um ano nos quais se condensam a vida e as atividades rurais nos Estados Unidos, desde as últimas experiências feitas pelo Departamento da Agricultura no aperfeiçoamento de sementes até a solução do problema de pequeno agricultor que procura decidir sobre o tipo de milho a ser plantado na temporada seguinte.

Um dos estudantes, durante o ano passado, foi o Sr. Amélio Smith, ex-administrador de um campo de produção de sementes no Maranhão, e que irá trabalhar com a Comissão Brasileira-Americana de Alimentos, depois de completar seus estudos sobre novos métodos aplicados na indústria pastoril e na agricultura em geral. Seus conhecimentos práticos tiveram oportunidade de agente de condado T. T. Curtis, em Orange, Estado de Virgínia. Nestas páginas damos ilustração dessas atividades que são características dos métodos usados em tais fazendas, como elementos básicos dos cursos práticos norte-americanos.

A utilidade do curso

Ao chegar aos Estados Unidos, os estudantes sul-americanos primeiro dirigem-se a Washington, como convidados do Departamento de Agricultura. Entre suas aulas de inglês, familiarizam-se com os últimos trabalhos do Departamento em matéria de criação de galinhas e de gado. No Centro de Pesquisas de Belts-



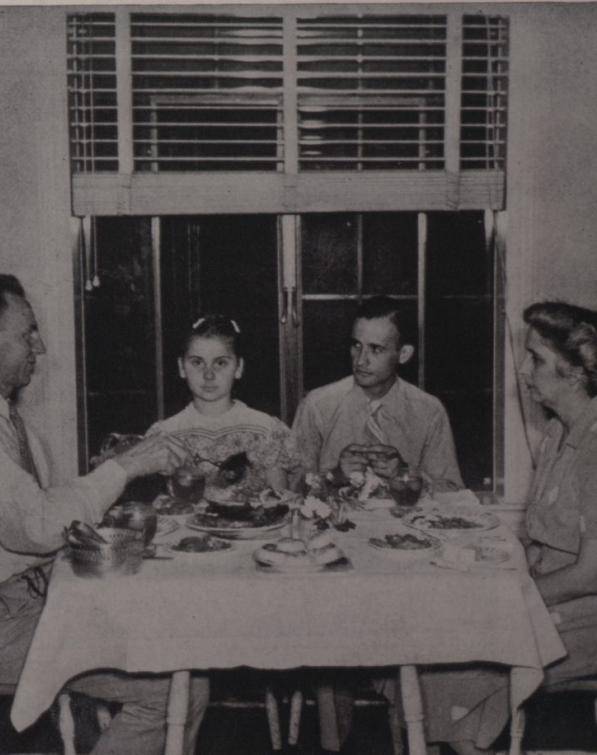
Os Srs. Curtis e Smith verificando a tabela de produção diária das vacas leiteiras na fazenda Curtis, para regular a alimentação

ville, mantido pela mesma repartição oficial, no Estado de Maryland, vizinho da capital norte-americana, os estudantes ficam ao par dos métodos mais modernos sobre pecuária, rotação de culturas e fruticultura. Visitam várias fazendas de criação e plantações particulares, assim como as estações experimentais da Universidade do Estado de Maryland. Informam-se então da maneira como são rapidamente disseminados pelo país inteiro, entre todos os interessados, os novos conhecimentos científicos através de um sistema de demonstrações a cargo de funcionários estaduais e municipais.

Se algum estudante pretende lecionar agricultura em sua pátria, ou ser agente demonstrador, passa a maior parte do seu curso nos Estados Unidos nos escritórios especiais, estaduais e municipais, que lhe facilitam direto contato com os agricultores e seus problemas locais. Os estu-

(Continua)

Os estudantes de agricultura aprendem praticamente trabalhando em várias fazendas. Vemos o Sr. Smith no campo da fazenda Curtis, operando uma máquina de pilar milho especialmente indicado para a alimentação do gado. Na gravura à direita — o estudante brasileiro tomando o café da manhã, com a família Curtis. O estágio feito na prática agrícola é complemento essencial do curso agora extensivo a estudantes sul-americanos





O Sr. Smith (à direita) ajudando o Sr. Curtis a fazer a mistura da forragem destinada às vacas leiteiras



O Sr. Curtis fazendo uma demonstração prática na horta da sua fazenda. Em baixo: Observando com o estudante brasileiro o crescimento de legumes de plantação feita sob os processos mais modernos, que lhe garantem rápido desenvolvimento e maior valor nutritivo. O Sr. Smith está com o aparelho de burifar o poderoso inseticida para proteger as plantas contra as pragas e doenças, detalhe que requer constante atenção



stantes freqüentemente acompanham os agentes demonstradores em suas visitas às diversas fazendas e plantações, observando, estudando e discutindo problemas referentes a culturas de frutas, ao mercado de galináceos ou de produtos lácteos. Comparecem às reuniões das organizações rurais e visitam as feiras de amostras, onde, às vezes, o agente demonstrador é indicado para servir de juiz na seleção de produtos animais ou vegetais apresentados em grande variedade. O curso de um ano termina sempre com trabalhos práticos pelos estudantes numa fazenda, norma que também se aplica aos agentes. E aqueles que tencionam cuidar de suas próprias fazendas, ou tornarem-se autoridades em agricultura científica em sua pátria, demoram-se em estudos mais especializados nos Estados Unidos.

Prática racional

Todos são de opinião que o período adotado de trabalhos práticos é de incalculável vantagem. Para facilitar ao estudante maior aproveitamento, esse estágio prático é feito de preferência numa zona cujo clima e tipo de lavoura mais se assemelhe ao do seu país. Mario Idiaquez, de Honduras, por exemplo, esteve numa fazenda do Estado do Novo México, estudando pecuária e laticínios. Antonio Peñate, da Colômbia, foi estudar cultura de algodão em Arkansas, cujas condições climáticas se compararam com as do centro de suas atividades em Barranquilla. Ozanam Marra, estudante brasileiro interessado em criação de galinhas, esteve trabalhando numa fazenda em Ohio, alimentando as aves e vacinando-as contra doegas. Com o proprietário da fazenda e o agente local assistiu as reuniões de criadores, visitou uma fábrica de incubadoras e várias fazendas de avicultura, observando a técnica da criação, a ser adaptada ao seu meio. Numa fazenda de criação em Nova Jersey, Ma-



A casa de residência da família Curtis (à direita), na sua moderna fazenda na Virgínia, onde o estudante brasileiro fez seu estágio prático agrícola.



Amélio Smith irá fazer parte da Comissão Brasileira-Americana de Alimentos. Outros brasileiros, Eduardo Frota, Pedro Ferreira e Francisco Nogueira irão praticar suas respectivas especialidades — tratamento e conservação de pastagens, processos de irrigação, silagem e instalação de pequenas usinas de beneficiamento do leite. Seja qual for o trabalho a que se dedicarem os estudantes que estiveram praticando nos Estados Unidos, é certo que o farão animados por um interesse de ampliar o mais possível o campo de suas atividades, pondo em prática idéias cultivadas nos centros experimentais mais adiantados do mundo. Irão incrementar a produção agropecuária, pondo-a na altura das necessidades do tempo de guerra, desenvolvendo ao mesmo tempo novos processos para o contínuo progresso da agricultura e da indústria pastoril nas Américas. Vão sobretudo convencidos da importância que a moderna agricultura está tendo nos domínios

da ciência. Através de processos científicos vâise encontrando a solução de problemas seculares e formulando novos tratamentos que compensam todos os esforços na obra de fazer da cultura da terra a base elementar do progresso económico de qualquer nação conforme nos prova a história. Os jovens agrônomos e criadores bem compreendem tóda a extensão dos cuidados que a fertilidade do solo exige. Porque dela deriva a seiva que dá vida e vigor a todos os elementos que compõem a vasta estrutura do trabalho do campo. A sua conservação racional é ponto de partida para o bom êxito de inúmeros empreendimentos agrícolas e pastoris.

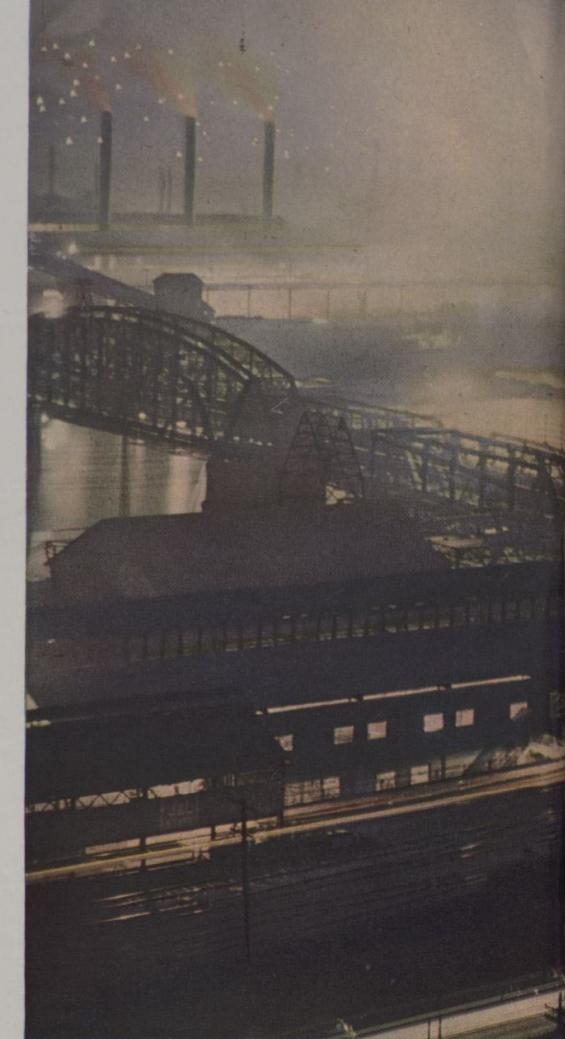
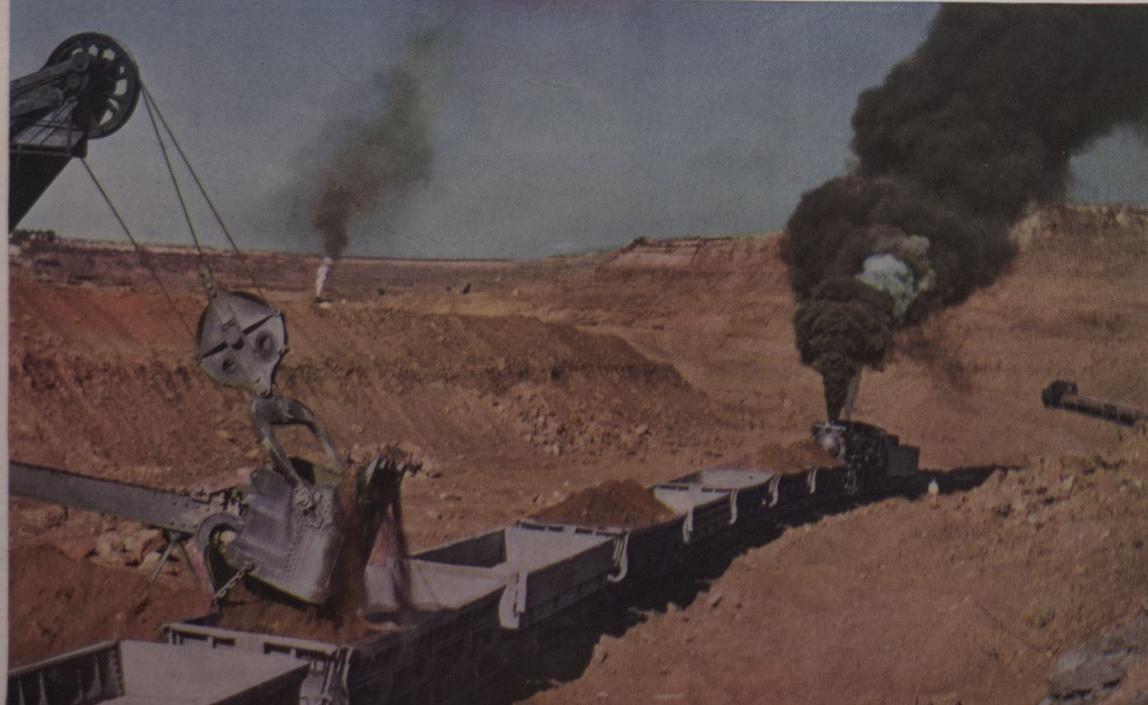
A iniciativa que agora entra em trânsito, desenvolvendo-se aproximando as Américas no estudo e tratamento do solo para, por meio dos recursos da ciência agronômica, obter uma produção maior e melhor, firma um novo marco na comunhão de interesses dos povos do hemisfério.

Os maquinismos agrícolas muito contribuem para o trabalho mais produtivo, mas a enxada ainda é uma ferramenta de grande utilidade no trato da terra. Vemos à direita o Sr. Smith tomando suas notas, enquanto o St. Curtis atrela o trator à máquina que corta e debulha o cereal. Na gravura à esquerda, o estudante trabalha com dois filhos de um fazendeiro na cultura de uma pequena plantação de legumes.





Um dos cargueiros de minério da vasta frota que faz o transporte do produto das minerações de ferro e de cobre através dos Grandes Lagos para os centros industriais. Em baixo: O carregamento, pela estrada de ferro, de minério numa das minas de Minnesota



Das minas, o minério é transportado pelas águas dos lagos e rios que dígam, chegando finalmente aos grandes centros metalúrgicos, como Pittsburgh (em cima), onde gigantescas fornalhas estão em continua operação, dia e noite



OS GRANDES LAGOS

Ao longo da fronteira setentrional dos Estados Unidos encontra-se a rede de navegação interna de maior extensão no mundo — cinco grandes lagos formando o centro de um sistema de comunicações que se estende por meio de rios e canais, a leste, até o Atlântico norte, e ao sul, até o golfo do México. As cinco grandes massas lacustres são os denominados Grandes Lagos. Por suas águas navegam numerosos petroleiros, cargueiros e outros navios transatlânticos transportando grande variedade de produtos da região com destino aos portos do país e do exterior. Na área servida pelos Grandes Lagos estão vastas culturas de cereais, moinhos, jazidas de minérios e indústrias manufatureiras. Muitos dos produtos manufaturados com matérias primas locais são transportados pelas águas da ligação fluvial do São Lourenço para as Ilhas Britânicas, ou pelo rio Illinois até o rio Mississippi, e por este até Nova Orleans de onde a ligação vai se estender aos portos da América Central e do Sul. Hoje



Os Grandes Lagos — a maior massa de água doce do mundo

na região dos Grandes Lagos está a maior concentração industrial dos Estados Unidos. E em cada atividade os lagos entram como um fator de especial importância, sobretudo em tempo de guerra, facilitando as comunicações, abatendo o rigor do clima e fornecendo uma quantidade ilimitada de água doce e de força motriz para os geradores hidro-elétricos de numerosas indústrias estratégicas.

Não foi, entretanto, esta grande variedade de recursos o que atraiu os primeiros exploradores aos Grandes Lagos, mas simplesmente a busca das riquezas do Oriente. Samuel de Champlain descobriu o lago Huron em 1615, acreditando encontrar o que ele procurava — uma via marítima para a China. Mais tarde, o jesuíta Jacques Marquette e outros também exploraram novos caminhos. Em 1654, enveredaram pelo estreito de Mackinac chegando finalmente ao lago Superior, a maior massa de água doce do mundo. Muitos meses depois regressaram, acompanhados de uma longa caravana de



Uma corrida de iates no lago Michigan, em Chicago. Os Grandes Lagos são pontos favoritos para vários esportes, nas temporadas de verão e inverno

canóas tripuladas por índios, com um carregamento de peles. Havia descoberto o primeiro dos vastos recursos da região, e lançavam as bases de uma das grandes indústrias americanas.

A predecessora das grandes empresas de hoje foi a Hudson Bay Trading Company, que estabeleceu seus primeiros postos em 1670, marcando o início das lutas econômicas para o controle do mercado fornecedor de ricas peles, lutas que tanto vigor deram à vida fronteiriça nos Estados Unidos.

Os progressos da civilização tornaram as indústrias madeireira e de construção naval as atividades mais importantes na área dos lagos. Mas as florestas de pinho e de várias madeiras de lei foram aos poucos cedendo ao contínuo desbaste, reduzindo a indústria a uma categoria secundária. Os Estados círcunvizinhos, entretanto, já tomaram providências para o reflorestamento racional afim de garantir a produção futura. Outros dilatados e valiosíssimos recursos na-

turais que atraíram a grande indústria para a região foram os depósitos de minérios de ferro e de cobre. Em 1865 já as minas de cobre representavam um elemento de primeira grandeza, e as minerações de ferro situadas nos Estados de Wisconsin, Michigan e Minnesota aceleraram o advento da Idade do Aço.

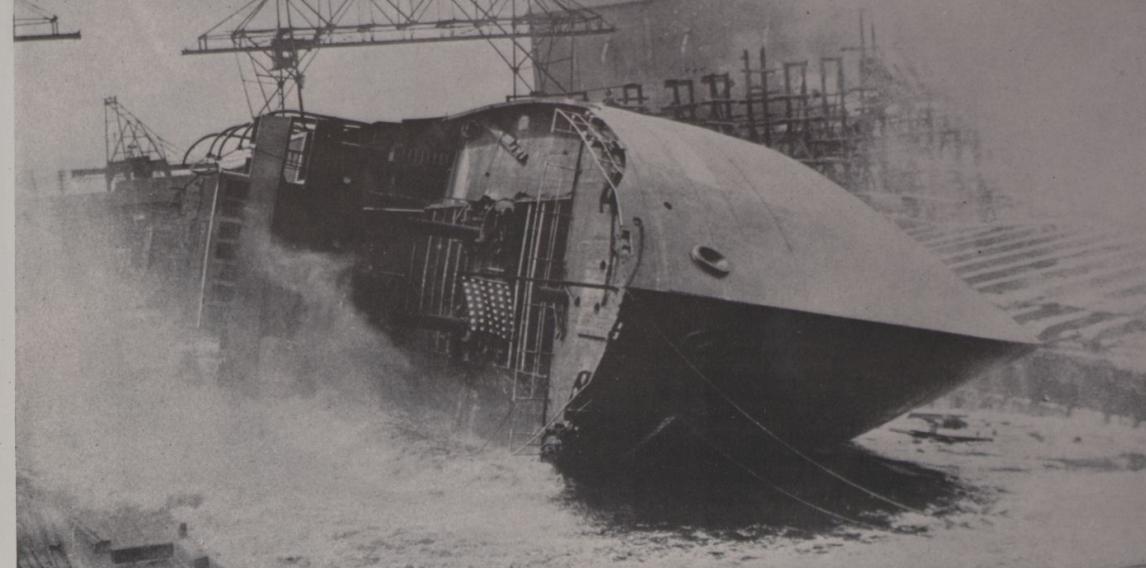
A produção mineral

A presente guerra tem intensificado extraordinariamente exploração desses minérios. Sómente de uma das camadas de minério de ferro, durante os últimos 50 anos, foram extraídas mais de um bilhão de toneladas, e as reservas na região do lago Superior estão estimadas em 1.200.000.000 de toneladas, total que mal representa o suprimento num período de 12 anos, de acordo com a média atual de consumo. O transporte dessas gigantescas quantidades de minério requer uma frota de 500 navios para a tra-

vessia dos cinco lagos — Superior, Huron, Michigan, Erié e Ontário, os quais, com as ligações fluviais e uma única comporta, completam 1.400 milhas navegáveis de água doce.

Pelas 1.900 milhas de percurso do rio São Lourenço, os transatlânticos transportam para Cleveland, Chicago e vários portos interiores do centro-oeste, muitos produtos de outros países, e retornam com vastos carregamentos de cereais e produtos manufaturados. Esta rota ficou completa com a construção do canal de Welland, marginando as 16 milhas do rio Niágara, o qual, com a sua famosa catarata e numerosas corredeiras, faz a ligação do lago Erié com o lago Ontário.

Os cinco lagos cobrem uma superfície de 94.710 milhas quadradas, das quais 11.110 estão situadas no Canadá. O maior dos lagos, o Superior, abrange 31.821 milhas, com 350 de comprimento e 160 de largura. É também o mais profundo, já se tendo registado um máximo de pro-



Nos estaleiros dos Grandes Lagos os navios são lançados ao mar de costado. Muitos transatlânticos estão sendo aí construídos a grande distância do mar

fundade de 400 metros. O lago Ontário é o menor, com uma superfície de 7.540 milhas quadradas. A economia da região dos Grandes Lagos tem determinado o caráter das suas cidades. Chicago, o grande centro ferroviário, adjacente aos planos do oeste central, tornou-se naturalmente o grande empório de cereais e de empacotamento de carnes frigoríficas. Detroit, pela sua proximidade da grande indústria metalúrgica tornou-se a capital do mundo automobilístico. Duluth, pela sua posição como pôrto lacustre para o embarque de ferro e carvão rivaliza em importância com as cidades de Minneapolis e St. Paul, às margens do Mississippi, no Estado de Minnesota, onde estão localizados grandes moinhos de fariinha de trigo. Toledo, Youngstown e Cleveland, em Ohio; Buffalo, em Nova York, e Pittsburgh, pôrto fluvial em Pensilvânia, tôdas compartilham da intensa atividade que se origina primariamente na indústria metalúrgica. Akron, em Ohio, a

"cidade da borracha", deve a maior parte do seu desenvolvimento ao comércio de pneumáticos e numerosos outros produtos da utilíssima goma. O fato de existir em exploração, na área que circunda o lago Superior, os maiores depósitos de minério de ferro do mundo, concentrou nos arredores dos portos na sua margem meridional gigantescas usinas de produção de ferro e aço, particularmente em Chicago, Cleveland e em Pittsburgh, de fácil acesso. Os lagos formam assim um elo de ligação entre a matéria prima e o produto manufaturado, proporcionando um meio natural e barato para o transporte.

A navegação

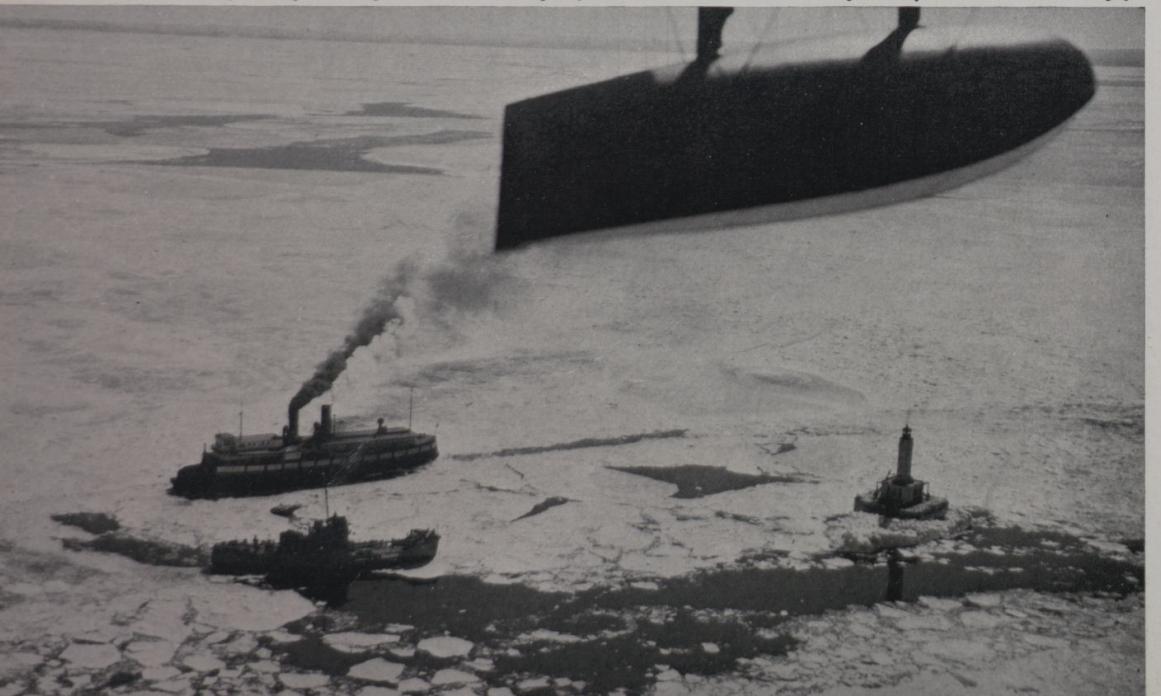
Este ano a navegação nos lagos deverá bater todos os recordes anteriores, ultrapassando o total de 183.000.000 toneladas transportadas durante 1942, das quais 90.000.000 foram de minério de ferro. A tonelagem de aço transportada

pelos lagos representa, na maior parte, a produção de guerra dos Estados Unidos. Contudo, por estarem os lagos situados tão ao norte, suas águas são navegáveis unicamente de meados de abril ou princípios de maio até fins de novembro ou começo de dezembro, quando começam a congelar.

O acesso para o mar através dos rios São Lourenço e Mississippi tem facilitado a construção, em nove grandes estaleiros nos lagos, de navios avaliados em 250.000.000 dólares para as esquadras das nações aliadas, desde o começo da guerra. Desses unidades constam as modernas e velozes fragatas, os navios cargueiros, etc.

As margens do lago Michigan está instalada a maior escola de aprendizes marinheiros dos Estados Unidos, com capacidade para acomodar 70.000 homens. Os lagos que tanto têm contribuído para o bem-estar econômico dos habitantes da região são igualmente um centro preferido de recreação durante todas as estações do ano.

No outono e na primavera é preciso quebrar o gelo acumulado nos lagos, para conservar abertas o mais longamente possível as vias de navegação



Cereais constituem uma grande parte do carregamento feito pelos lagos. Na gravura vemos um dos elevadores ao receber o trigo, em Ontário, Canadá





Mrs. Edith Nourse Rogers, representante do Estado de Massachusetts, que visitou recentemente o Quinto Exército, na frente de batalha na Itália



A representante do Estado de Nova Jersey, Mrs. Mary T. Norton. Congressista desde 1925, tem sido esforçada defensora da legislação trabalhista

COM as nove congressistas ora exercendo o mandato, atinge a trinta e cinco o número de mulheres eleitas para o Congresso dos Estados Unidos. A primeira a ser distinguida com o mandato popular foi Miss Jeanette Rankin, do Estado de Montana, em 1917, três anos antes de ser aprovada a emenda à Constituição concedendo o sufrágio às mulheres norte-americanas. Tôdas as congressistas atuais fazem parte da Câmara dos Representantes, composta de 435 membros. Até este ano só foram eleitas cinco mulheres para o Senado, a última sendo Mrs. Hattie Caraway, de Arkansas, que acabou de terminar o mandato depois de exercê-lo durante trêze anos consecutivos, isto é, por mais tempo que qualquer outra senadora. O Presidente Roosevelt a nomeou recentemente para fazer parte da Comissão Federal de Compensação aos Desempregados.

Desde 1869 que a mulher nos Estados Unidos vem exercendo funções públicas, cabendo a Wyoming, quando ainda território, conceder o sufrágio feminino, sendo depois o primeiro Estado a reconhecer esse direito. Esta foi uma vitória que animou extraordinariamente os propagandistas do voto feminino, numa campanha de mais de um século. Durante muitos anos seus esforços tinham encontrado tremenda oposição que, em várias ocasiões, chegava às raias do ridículo. Mas com o despontar do século vinte, o sufrágio feminino foi encarado como assunto que interessava ao bem-estar social, e a discussão assumiu um caráter mais tolerante e sério. Em 1916, em onze Estados e no Território do Alaska foi concedido o sufrágio à mulher e as barreiras em todos os demais Estados foram finalmente afastadas.

Desde então, ademais de se registrar o fato de haver uma mulher exercendo o cargo de Secretária do Trabalho, outra como ministra plenipotenciária, uma governadora de Estado e várias exercendo a judicatura federal, mais de duas mil mulheres têm sido eleitas para as legislaturas estaduais e milhares de outras exercem importantes funções federais, estaduais e municipais. Algumas são solteiras, outras são mães de muitos filhos. Há mulheres de tôdas as profissões, advogadas, professoras, jornalistas, líderes trabalhistas, proeminentes figuras da sociedade, e simples cidadãs, empenhadas em várias atividades de grande significação social. Duas das atuais congressistas estão exercendo o mandato em Washington desde 1925 — Mrs. Mary Teresa Norton, de elevada estatura e distinção, democrata, da bancada do Estado de Nova Jersey; e Mrs. Edith Nourse Rogers, "pequeno frasco de raras essências espirituais", republicana, representante do Estado de Massachusetts. Mrs. Rogers é uma das delegadas à Conferência Interamericana reunida no México. Sua ação na Câmara dos Representantes destaca-se pelo zelo com que estuda e propõe importantes medidas legislativas concernentes aos veteranos da guerra. Mrs. Norton é uma ativa campainha das lides a bem da legislação trabalhista. Ambas estão na casa dos sessenta e acenham o fato de estarem no Congresso não como mulheres, mas como legitimamente indicadas para representarem seus constituintes. Ambas são viúvas e senhoras de profunda cultura, grangeando as maiores provas de respeito e admiração.

Mrs. Norton, como chefe da importante comissão trabalhista da Câmara teve ocasião de atuar brilhantemente na passagem da lei referente a horas e condições de trabalho, na sessão de 1938. A perda de seu único filho a inspirou a organizar uma creche diurna em Jersey City, durante a última guerra. Suas atividades foram de tal valor que os próceres do partido democrata estadual a indicaram para o cargo de vice-presidente do comitê do partido, em 1921, sendo mais tarde, em 1932, eleita presidente. Mas já em 1924 apresentava sua candidatura ao Congresso, tendo sido a primeira mulher a ser eleita pelo partido democrata e a primeira a chefiar uma das comissões da Câmara. Representa um distrito com uma população de quase 280.000 habitantes, gente predominantemente do trabalho, razão por que a notável congressista muitas vezes se tem empenhado a favor da legislação trabalhista. Dela foi ainda a primeira resolução apresentada ao Congresso no sentido de anular a denominada lei seca, por ser impraticável. E isto numa época em que a "proibição" tinha muitos adeptos. Mrs. Rogers, decana das mulheres republicanas na Câmara, destaca-se

MULHERES CONGRESSISTAS



Mrs. Frances P. Bolton, da bancada do Estado de Ohio. Tem dois filhos e dois netos nas forças combatentes, e se destaca pelo seu interesse em legislação que beneficia os veteranos. Vêmo-la palestra com dois soldados em Paris, durante sua visita de inspeção logo após a ocupação da metrópole francesa pelas tropas aliadas

pela sua intensa atividade, sempre repassada de grande distinção de maneiras. Foi eleita em 1925, na vaga deixada em virtude do falecimento de seu marido, John Jacob Rogers. Profundamente interessada em legislação que beneficia os veteranos da guerra, suas atividades nesse sentido se revelam desde os tempos da primeira guerra. Esteve na França trabalhando na Cruz Vermelha junto ao exército francês e depois com o exército americano, de 1918 a 1922, quando foi nomeada representante especial do presidente, para zelar pelas provisões de amparo aos veteranos fisicamente incapacitados, encargo que manteve durante as duas presidências subsequentes.

Por ocasião da abertura da presente sessão legislativa foi ela procurada por um sargento-mor que lhe ia oferecer uma lata de chá. Era um veterano a quem a congressista havia ajudado em 1918, quando ele permanecia no hospital, com uma perna amputada. Agora, ansioso de demonstrar mais uma vez a sua gratidão, ia também comunicar-lhe que estava de novo no serviço ativo — ensinando os veteranos incapacitados desta guerra a familiarizarem-se com o uso de pernas artificiais.

Mrs. Rogers esteve na Europa, ultimamente, em visita a vários hospitais militares, pouco se preocupando de fazer campanha eleitoral para a sua reeleição. Não obstante, foi reeleita mais uma vez, como já tinha sido dez vezes antes, com pouco esforço e mínima despesa.

Outra congressista de grande projeção é Mrs. Clare Boothe Luce, de 41 anos, republicana. É prestigiada escritora teatral e jornalista, autora da peça "The Women", um dos recentes sucessos da Broadway. Faz parte da bancada de Connecticut, e destaca-se pela sua variada cultura. De refinado espírito, discute ardorosamente todos os assuntos do dia, até os referentes aos mais complexos problemas internacionais. Visitou a Europa recentemente, com outros congressistas. Na Itália teve ocasião de urgir junto ao novo governo a extensão do direito de voto às mulheres. Dentro as três novas congressistas, tôdas interessadas no estabelecimento de uma paz duradoura, destaca-se a Sra. Emily Taft Douglas,

democrata, de Illinois, casada com o capitão Paul Douglas, do Corpo de Infantaria da Marinha. Tem 44 anos de idade, é ex-professora de economia política, e filha do famoso escultor Lorado Taft. Tem uma filha

"Para a mulher, a questão mais transcendente é o estabelecimento de uma verdadeira paz duradoura," declarou a congressista, também ativa em seus trabalhos na Cruz Vermelha, na Liga Eleitoral Feminina e na venda de bonus de guerra. "Em nosso moderno mundo de distâncias tão reduzidas pelas conquistas da ciência, precisamos cooperar com tôdas as nações. A política de Bôa Vizinhança, cultivada pelas nações americanas, pode fornecer muitas lições úteis sobre a cooperação internacional."

As duas outras congressistas recentemente eleitas também pertencem ao partido democrata. Uma, Mrs. Helen Gahagan Douglas, é esposa do capitão do Exército Melvyn Douglas, astro do cinema. É ex-artista teatral, soprano e mãe de três filhos. A outra, Mrs. Chase Going Woodhouse, é ex-secretária de Estado, em Connecticut, e professora de economia política em várias universidades. Tem uma filha em idade escolar.

A única congressista solteira é Miss Jessie Sumner, de 45 anos, republiana, formada em direito pela Universidade de Oxford. Antes de ser eleita, em 1938, exercia o cargo de juiz municipal em Illinois.

As outras mulheres na Câmara são tôdas do partido republicano. Mrs. Margaret Chase Smith, do Estado do Maine, foi eleita em 1940. Visitou recentemente as frentes de combate no Pacífico, com a comissão de Marinha, tendo ocasião de ser passageira de um destróier.

Mrs. Frances F. Bolton, de 59 anos, rica, filantropa, é uma congressista adorada por tôdas as enfermeiras, tais têm sido os seus esforços a bem dessa valiosíssima classe. É mãe de dois soldados e avó de dois outros. É também uma das quatro congressistas que viram realizada a grande ambição de tôda representante da nação — fazer parte da comissão de Relações Exteriores. As outras três membros da referida comissão são Mrs. Edith Nourse Rogers, Mrs. Helen Douglas e Mrs. Emily Douglas.

Mrs. Helen Gahagan Douglas, que faz parte da bancada do Estado da Califórnia

A representante Margaret Chase Smith, do Maine. Visitou a zona de guerra

Escritora e jornalista — Mrs. Clare Boothe Luce, do Estado de Connecticut

Miss Jessie Sumner, ex-juiz. Faz parte da bancada do Estado de Illinois na Câmara

Mrs. Chase Going Woodhouse, ex-professora. Faz parte da bancada de Connecticut

Mrs. Emily Taft Douglas, ex-professora de economia política, representante de Illinois



Tôda a Energia da Nação Dedicada à Guerra



AS RESPONSABILIDADES DA POPULAÇÃO CIVIL

A POPULAÇÃO civil nos Estados Unidos, naturalmente reduzida no prolongado decorso de quatro anos de guerra, continha a arcar com crescentes e vultuosas responsabilidades para garantir a vitória das forças combatentes nas frentes de batalha. Para aqueles que estão em condições de incrementar sua contribuição no esforço de guerra na frente interna, a situação se reveste de ainda mais pesados encargos, de horas mais longas de trabalho atento e, sobretudo, de um sacrifício que se manifesta através do mais elevado espírito de renúncia.

A luta em que estão êles empenhados é certamente muito menos espetacular, menos arriscada e menos exhaustiva do que a enfrentada pelos denodados soldados, marinheiros e aviadores nos vários setores da guerra. Mas sobre este elemento civil recai a tremenda responsabilidade de abastecer incessante e abundantemente as forças combatentes com as armas e os materiais que levarão a inescapável derrota ao inimigo, na Europa e no Pacífico.

De maneira a satisfazer tão crescente urgência, a população civil tem multiplicado seus esforços variadamente, renunciando a muitos dos confortos e até a necessidades às quais estava afeita em tempos normais. Não obstante, perdura evidente a convicção de que tais sacrifícios em nada se comparam com o sofrimento e privações a que estão sujeitas as populações das nações devastadas pela guerra.

Com mais de doze milhões de homens e mulheres no serviço das forças armadas, a mão de obra já se tornou um dos problemas mais agudos na frente interna. A indústria bélica, os estaleiros, a lavoura e tantos outros centros de atividade nacional essenciais ao esforço de guerra estão a exigir mais e mais braços da população civil para preencher as vagas deixadas por aqueles que são chamados para o serviço das armas.

A intensidade dos esforços na frente interna e a concentração de propósito em assuntos diretamente ligados com a guerra produz inevitavelmente mudanças em todo o curso da vida norte-americana. São alterações físicas e psicológicas, demonstrando quão profundo tem sido o reflexo da guerra no pensamento e na ação do povo. Para compreender o caráter destas mudanças e as suas razões precipuas é mister apreender a natureza do próprio curso da guerra, por isso que é o povo norte-americano que, em seu arsenal da democracia, está produzindo uma parte considerável dos petrechos bélicos de que se abastecem os aliados.

Para ajuizar dos efeitos de mais de três anos de guerra basta observar um lar americano. O que primeiro prende a atenção, à janela, é a

(Continua)

O Congresso dos Estados Unidos, no quarto ano de guerra, inaugura solenemente a sua 79.ª sessão



pequena bandeira simbólica, com uma ou mais estrelas azuis, denotando o número de pessoas da família que estão servindo nas forças armadas. Quando há uma estrela dourada, é indicação de que alguém morreu no serviço da pátria.

Outros indícios

Ao observador não passará despercebido o fato de achar-se a casa necessitando de pintura e de certos reparos. Mas aqueles que se encarregam destes trabalhos estão ocupados nas fábricas de armas e munições. Ademais, não é fácil encontrar-se o material usado em tais concertos. A guerra os absorve continuamente.

No inverno, sente-se que a temperatura dentro da casa está abaixo do que devia ser. E' que o combustível — óleo ou carvão — necessário para produzir a calefação também está sendo absorvido pelo esforço de guerra, desfalcando o consumo civil. Os meios de distribuição de combustível também são mais precários. Por isto, o governo recomenda que se mantenha nas casas uma temperatura máxima de 20 graus centígrados. Antes, era de 25 ou 30.

O mobiliário denota igualmente que há dificuldade de submetê-lo a concertos ou de substituí-lo completamente. E' que as fábricas de mobiliários estão trabalhando para a guerra. A madeira passou a ser material estratégico. Na cozinha, os utensílios estão gastos; mas também não há outros para substituí-los. A dona de casa bem gostaria de comprar um novo refrigerador elétrico ou um novo jôgo de panelas ou caçarolas. Os metais, porém, não estão sendo usados para esse propósito, atualmente. A guerra interrompeu a fabricação de tais utensílios para o consumo civil desde princípios de 1942.

Se a família tem automóvel, este está na garagem; só é usado raramente, em caso de emergência. Os pneumáticos estão "quase na lona". A indústria automobilística está produzindo aviões. Não se fabrica mais automóveis para a população civil. Pneumáticos e gasolina estão sob rigoroso racionamento.

Todos naturalmente consideram a escassez ou inexistência de tais produtos no mercado como demonstração de que a guerra está tendo suprema prioridade para os metais, para a madeira e mão de obra. Os automóveis deixam de rodar porque a gasolina e a borracha são fatores essenciais na ação dos aviões que apertam cada vez mais o cerco contra a Alemanha e o Japão. Todos estão de pleno acôrdo.

Mas não são estas sómente as dificuldades decorrentes da guerra. O cidadão sabe que quando vai às compras, a carne, por exemplo, além de ser racionada, nem sempre se encontra para comprar. Escassos estão também outros gêneros alimentícios — touchinho, manteiga, queijo, legumes enlatados e frutas de conserva. Grande quantidade destes alimentos estão seguindo para as forças combatentes, norte-americanas e aliadas. Há, entretanto, em abundância, ovos, batata, legumes frescos e cereais de toda sorte. Muitos legumes atualmente são de produção doméstica — das hortas e quintais. De um modo geral há, este ano, para o consumo civil, tanto alimento quanto havia antes da guerra, mas o regime alimentar é diferente, porque grande parte de produtos alimentícios preferidos pelo consumidor é agora destinada aos combatentes.

Uma reprodução da estátua da Liberdade no Times Square, em N. Y., durante a venda de bonus de guerra

O problema da alimentação, no que concerne a legumes, não chegou a agravar-se graças, principalmente à cooperação de todos quanto dispõem de terreno para pequenas hortas e plantações. Nos subúrbios e arrabaldes generalizou-se a ideia de cada um cultivar suas próprias hortaliças. Formaram-se clubes disputando distinções para os melhores exemplares e com isto evitou-se, sem sentir, uma crise que poderia causar maiores preocupações.

A escassez é extensiva às peças do vestuário, especialmente as roupas mais baratas, as usadas no trabalho e as roupas de baixo. As necessidades militares limitaram a produção de tais artigos. O aumento da natalidade e a restrição na produção de artigos para crianças tem causado crise no mercado. A solução indicada é conservar as roupas velhas, aproveitando-as o mais possível. Para um passatempo, o cidadão vai ao cinema, com a mulher e os filhos. Mas a entrada do cinema, antes radiante de feérica iluminação, está agora quase às escuras.

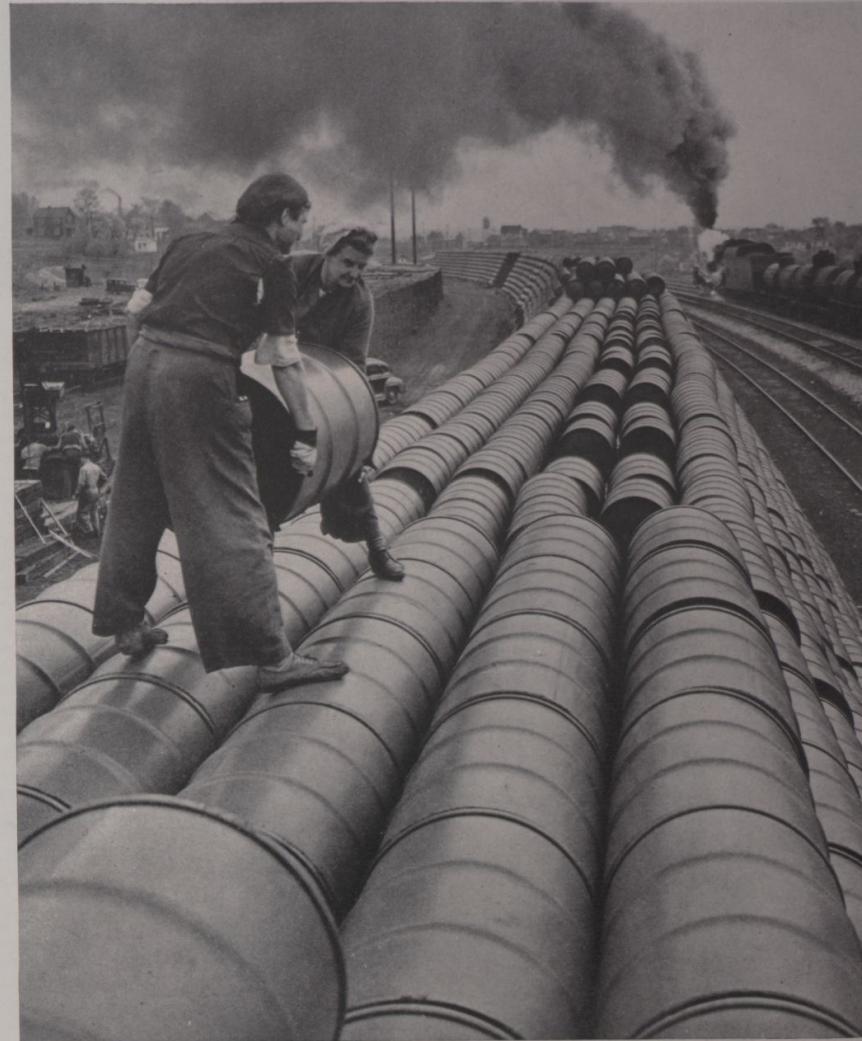
Reflexos da guerra

A iluminação pública e das casas comerciais também está reduzida, como medida de economia de carvão, onde quer que este seja o combustível para a produção de energia elétrica. Em tempo de guerra, a fatura de empregos a bons salários põe mais dinheiro em circulação, aumentando o poder aquisitivo das massas. Mas a produção industrial civil tem sido tão reduzida que, relativamente, há muito pouco que comprar. E o governo, através de um vasto sistema de controle e fiscalização, mantém os preços dentro de rigoroso tabelamento, protegendo assim o consumidor contra a inflação.

O governo também absorve grande parte do acréscimo de salários e de lucros, por meio de impostos destinados a ajudar o financiamento da guerra. O povo tem correspondido prontamente aos vários apelos do governo para a aquisição de bonus de guerra e outros títulos da dívida pública. Desta maneira o povo contribui para

(Continua)

A mulher no esforço de guerra. Vê-se à direita duas auxiliares, empilhando tambores de gasolina. Na gravação em baixo observa-se o constante tráfego ferroviário, das fábricas para os portos de mar





Substituindo um carteiro do Correio agora entre os combatentes na Europa



Muitos veteranos, depois de restabelecidos dos ferimentos recebidos, voltam ao trabalho



Um operário da indústria de construção naval, que absorve milhares de especialistas



Um símbolo do trabalho agrícola, cuja produção está batendo todos os recordes



Velhos e experimentados operários aposentados voltam ao trabalho em várias indústrias



Na construção de aviões, a mulher está prestando inúmeros e valiosos serviços



O público consumidor bem sabe que prateleiras desfalcadas nos armazéns de secos e molhados significa mais alimentos enviados para milhões de combatentes



O quarto ano de guerra e a escassez de muitos artigos. Aqui vemos a concorrência de fumantes, esperando sua vez para comprar cigarros

custear a guerra e economiza para o futuro, além de dispor de recursos para o pagamento de dívidas. Todos procuram pôr a vida em ordem, preparando-se para as oportunidades que virão futuramente, depois da guerra, quando se restabelecer a produção industrial de inúmeros artigos.

Outro aspecto característico do estado de guerra é a dificuldade de transporte para o público em geral. As estradas de ferro estão transportando o dobro do volume de carga e o quádruplo do volume de passageiros, em comparação com o movimento anterior à guerra. Esta enorme sobrecarga está sendo atendida com pouco material rodante adicional e, em muitos casos, até sem esse recurso. O resultado é a grande procura de lugares nos trens, reservando-se os mesmos com antecedência de várias semanas e, mesmo assim, com visível dificuldade.

Os lugares que não carecem ser reservados são ocupados imediatamente. Os trens trafegam superlotados, dia e noite, destacando-se a grande maioria de passageiros militares que, a serviço ou de folga, estão sempre com tempo limitadíssimo. O movimento de famílias de combatentes também é extraordinário, pois há o natural interesse de visitar, despedir ou acompanhá-los até o ponto de partida para os postos nas frentes de além-mar. O número de crianças tem sido tão grande nas estações ferroviárias que, nas mais importantes, há salas especiais transformadas em creches, onde as mães podem alimentar os filhinhos e dispensar-lhes outros cuidados com maiores recursos, enquanto esperam o trem. As gares revelam nitidamente um dos aspectos mais característicos do borboletinho criado pela guerra.

A valiosa carga

Para aqueles que precisam viajar frequentemente, a negócios, estes detalhes da vida americana já fazem parte do cenário que se desenrola em todo o percurso. De grande interesse também é o que se vê ao longo da jornada: trens de carga, em extensíssimas composições, conduzindo tanques, aeronaves, canhões e outros petrechos de guerra a caminho das frentes de batalha. Não raro há, para os trens de passageiros, longas paradas a meio do caminho, para dar passagem aos trens de carga com hora marcada, cujo ponto final é a doca onde os navios cargueiros aguardam, de escotilhas abertas, prontos para carregar e fazerem-se ao largo, com rumo ao teatro da guerra. O horário dos trens de passageiros fica, portanto, na dependência do tráfego de material bélico. Reuniões ou convenções de caráter comercial, industrial ou de outros grupos ativos na

Mães e filhas, aos milhares, trabalham nos serviços auxiliares das forças armadas e noutras organizações especialmente empenhadas em ajudar no esforço de guerra



vida americana, que costumavam realizar-se em várias cidades, atraindo grande concorrência, estão banidas enquanto durar a guerra, em face da dificuldade de transportes.

A crise no tráfego de carga tornou-se tão aguda recentemente que foi necessário declarar um embargo temporário nos transportes ferroviários na zona do litoral do leste, para tudo quanto não fosse material estratégico. Por isto houve, naturalmente, maior escassez de alimentos e outros produtos em numerosas localidades.

Para ter idéia exata da situação dos Estados Unidos em guerra também é necessário tomar em consideração o deslocamento de grande parte da população. Sómente as forças armadas absorveram mais de doze milhões de homens e mulheres. Muitos estão regressando, feridos, das frentes de combate. Muitos outros nunca mais voltarão. Cinco milhões de homens e mulheres deixaram a lavoura para ir trabalhar nas fábricas de armas e munições. Grande número de mulheres passaram de uma cidade para outra, afim de substituir os operários em variados encargos, quando o serviço das armas necessitava de aumentar os seus efetivos. Homens idosos, que já se tinham retirado à vida privada, não puderam deixar de responder ao apelo e voltaram ao trabalho, indo contribuir com a sua experiência de velhos profissionais no esforço de guerra. Todavia aumenta a carência de mais braços na indústria bélica, fazendo que o governo tome provindências para manter o necessário equilíbrio na aplicação de mão de obra essencial.

São problemas estes que se agravam pela urgente necessidade de dar ao curso da guerra um impulso definitivo, conjugando todos os esforços da nação no magnífico objetivo de vencer a todo custo e tornar à obra, também de grande magnitude, de reconstrução para a paz. O povo americano, consciente da sua responsabilidade, está disposto a ilimitados sacrifícios, dando constantes provas do seu desejo de manter na frente interna um esforço na altura daquele manifestado pelos milhões de combatentes que estão acuando o inimigo para a inexorável derrota que se aproxima.

Alistando-se para fazerem o curso de enfermagem nos hospitais do Exército e da Marinha. Aumenta constantemente a necessidade de enfermeiras graduadas



O Arcebispo D. Francis J. Spellman agradecendo a cooperação de esforçados coletores juvenis no serviço de socorro às populações assoladas pela guerra



Os colegiais também prestam grande serviço, ajudando na coleta de papel de toda sorte, em dias especialmente designados para isso

VIÑA DEL MAR

PITORESCO E ELEGANTE CENTRO

BALNEÁRIO DA ORLA DO PACÍFICO



Situada numa bela enseada na costa chilena, Viña del Mar é famosa em todo o hemisfério pelo seu clima temperado e pelas suas magníficas praias balneárias

Todos quantos visitam Viña del Mar são unâmes em declarar que seus jardins e boulevards, seu casino e o prado de corridas são dos mais atraentes do mundo



NUMA graciosa curva da costa sul-americana do Pacífico a uns nove quilômetros ao norte de Valparaiso, Chile, destaca-se uma das cidades de veraneio mais famosas de todo o hemisfério — Viña del Mar. Graças, em parte, à sua situação geográfica, relativamente protegida, a cidade goza de um clima ameno e constante, com suas lindas praias batidas de sol e seus floridos jardins de fama universal. O que é atualmente a cidade de Viña del Mar com seus magníficos parques, amplos boulevards, belas residências e magníficos hoteis, era antes um grande areal que se estendia da encosta da montanha até à orla do Pacífico. As terras foram herdadas por Alonso Riveras, que, segundo consta, plantou nelas um vinhedo, em 1560. O vinhedo cresceu tão bem que Riveras deu ao local o nome de Viña del Mar. Cultivadas cuidadosamente pelos jesuítas, as terras, depois de certo tempo, passaram a ser propriedade de José Francisco Vergara, que, em 1874, doou-as para a construção de uma cidade. Esta foi construída segundo um plano retangular, com espaço bastante para maior desenvolvimento e para amplos parques e avenidas.

Hoje, a cidade dá a impressão de ser uma perpétua exposição de flores, graças a uma postura municipal que tornou obrigatório o ajardinamento de todas as casas particulares. Um dos pontos de atração local é o Parque Salitre, famoso horto botânico, onde há grande quantidade e variedade de plantas adubadas exclusivamente com salitre do Chile. Outros centros de grande interesse são o elegante Casino e o magnífico prado de corridas. Viña del Mar apresenta ainda a grande vantagem de estar situada num dos trechos da Rodovia Panamericana. Entre a cidade e o porto de Valparaiso, a estrada segue à beira-mar num dos seus mais belos trajetos.

PITORESCO E ELEGANTE CENTRO
BALNEÁRIO DA ORLA DO PACÍFICO

UMA ENTIDADE INTERAMERICANA

SIMBOLIZANDO O PAPEL DOS ESTADOS UNIDOS NA OBRA DE COOPERAÇÃO CONTINENTAL

OBUREAU do Coordenador de Assuntos Interamericanos é inquestionavelmente a entidade do governo dos Estados Unidos que mais simboliza o papel na nação norte-americana na obra de cooperação continental.

Criado como um fator para intensificar a execução da política de Bôa Vizinhança em todos os seus aspectos, quando as nações das Américas ainda estavam desfrutando a paz, o Bureau tem expandido suas atividades tanto no terreno dos problemas interamericanos relacionados com a guerra, como nos que se ligam diretamente com os inevitáveis readjustamentos de depois do restabelecimento da paz.

Nelson A. Rockefeller, nomeado pelo Presidente Roosevelt, em 1940, para o cargo de Coordenador de Assuntos Interamericanos, exerceu estas funções até princípios deste ano, quando passou a ser Secretário Assistente de Estado de Assuntos Interamericanos, novo cargo cuja criação atesta do reconhecimento da crescente importância das relações internacionais do hemisfério e da reciprocidade de interesses existente entre os povos das repúblicas americanas. A direção do Bureau foi então confiada ao sub-coordenador, Wallace K. Harrison, que, como o Sr. Rockefeller, é, de coração, um ardoroso propaguador dos benefícios da política de Bôa Vizinhança.

Arquiteto de renome, foi através de seus trabalhos e de freqüentes viagens pelos países da América que o Sr. Harrison reconheceu o valor da interdependência das nações. Espírito já familiarizado com a vida no velho continente, onde aperfeiçou seus estudos em Paris e Roma, as possibilidades nas terras do Novo Mundo pareceram-lhe merecedoras das mais elevadas considerações, tais eram as manifestações de entrelaçamento de seus povos.

Em constante e comunicativa atividade, esteve como professor da Escola de Arquitetura da Universidade de Columbia, em Nova York, e mais tarde como professor de arquitetura na Universidade de Yale. Dirigiu também a Nova Escola de Pesquisas Sociais e a Comissão de Arte da Municipalidade de Nova York. O famoso Museu de Arte Moderna tem-no como um dos administradores da fundação. Em 1940 foi convidado para dirigir a Divisão de Relações Culturais do Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos, tornando-se mais tarde sub-coordenador. Hoje, como coordenador geral, o Sr. Harrison dirige todas as atividades da importantíssima entidade e trabalha em íntima associação com o Departamento de Estado na formulação de normas atinentes ao bom desempenho das funções do Bureau.

Sob suas ordens está um numeroso e valioso conjunto de auxiliares com encargos tão variados quanto são os pontos de contato entre os povos das Américas. Nos diversos departamentos do Bureau trabalham profissionais,



O Sr. Wallace K. Harrison, chefe do Bureau de Assuntos Interamericanos, a cargo da direção de muitas e variadas atividades da grande organização

Seja o estabelecimento de um posto de combate à malária num dos portos da costa; a construção de uma nova rodovia servindo uma região agrária cujos produtos beneficiem as forças das Nações Unidas, ou a criação de uma biblioteca interamericana nos píncaros andinos, todo projeto representa a contribuição de várias opiniões, de experimentados técnicos e de recursos tanto dos Estados Unidos como da nação diretamente interessada. O Bureau do Coordenador não se limita únicamente a corresponder aos interesses que lhe ficam ao sul do continente. Além de demonstrar praticamente a consideração e bôa vontade do povo dos Estados Unidos para com os seus vizinhos, também contribue para incrementar inteligentemente o interesse na América do Norte pelos assuntos interamericanos. Avultam as suas atividades nesse sentido, promovendo a audição, por colegiais norte-americanos, de joias musicais das outras Américas; nos cinemas, é freqüente a exibição de filmes coloridos de cidades e da vida campestre das repúblicas americanas; nas bibliotecas aumenta o número de novos livros referentes ao hemisfério. De cooperação com o Departamento de Estado, o Bureau tem estimulado a tradução de obras literárias — de poesia e ficção — representativas das demais nações americanas. Muitas cidades e universidades animam e ajudam a formação de centros interamericanos nos quais se promove um maior e melhor conhecimento das nações ao sul.

Todas estas iniciativas encontram o Coordenador prazerosamente interessado em contribuir com sugestões práticas e assistência técnica. Para realçar o valor destas iniciativas, é justo mencionar que, freqüentemente, são elas a expressão espontânea do interesse de cidadãos norte-americanos, em grupos ou individualmente. Pode, pois, afirmar-se seguramente que o sentimento de bôa vizinhança está sendo cultivado em suas bases essenciais.

O General de Divisão Julian L. Schley, Victor Borella, Francis A. Jamieson e o General de Divisão George C. Dunham (esq. para a dir.), são os Coordenadores Auxiliares do Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos. O General Dunham dirige os programas de saúde e saneamento e de alimentos. O Sr. Jamie-

son é o diretor da Seção de Imprensa e Publicações. O General Schley está a cargo dos assuntos relativos ao transporte e aos problemas interamericanos de tráfego e comunicações. O Sr. Borella, que desde 1941 está ligado ao Bureau, é diretor a cargo de todas as atividades de caráter administrativo do mesmo



homens e mulheres, de quase todas as nações americanas. Há escritores, educadores, poliglotas, economistas, técnicos militares, contabilistas, artistas, agrônomos, engenheiros, médicos e numerosos outros especialistas. Um relance sóbre as atividades da organização faz ressaltar o escopo dos variados interesses e objetivos ligados à execução do seu programa. Há a vasta matéria relacionada com o desenvolvimento econômico e com os abastecimentos de víveres; os problemas de saúde pública, saneamento e profilaxia; outros, relativos aos transportes; os serviços de informações, os educacionais e tantos outros de natureza especializada.

Cada um destes campos de operosidade representa um vultuoso conjunto de projetos de considerável valor prático, pois que beneficiam diretamente as nações americanas, assegurando o bem-estar de seus povos. Cada projeto constitui um trabalho de verdadeira cooperação, estudado em conjunto com uma ou mais das repúblicas americanas.

O BRASIL NA GUERRA

A FÔRCA EXPEDICIONÁRIA NA FRENTE ITALIANA

O General de Brigada John N. Greely, do Exército dos Estados Unidos, analista militar do Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos, passou uma temporada com a Fôrça Expedicionária Brasileira na Itália. No seguinte artigo ele descreve as dificuldades da campanha italiana e os ajustamentos que as tropas brasileiras e suas aliadas tiveram de fazer para se tornarem uma fôrça de extraordinário poder ofensivo.

Em sua mensagem anual ao Congresso dos Estados Unidos, em janeiro deste ano, o Presidente Roosevelt declarou:

"Vencendo tôdas as dificuldades do terreno e de condições atmosféricas adversas, o nosso Quinto Exército e o Exército Britânico, reforçados por unidade de outras Nações Unidas, inclusive o bravo e bem equipado Exército brasileiro, conseguiram, no ano transato, avançar ao norte pela área sangrenta de Cassino e pela cabeça de ponte de Anzio, atravessando Roma e indo ocupar as montanhas a cavaleiro do vale do rio Pô."

As fôrças brasileiras estão na Itália, e isto quer dizer que na Itália contamos com mais um respeitável exército. Não se trata de um conjunto militar meramente simbólico que haja atravessado o Atlântico para reunir a constelação do emblema nacional brasileiro às faixas e estrelas do pavilhão norte-americano na Itália. Muitos milhares de jovens brasileiros, do Rio e São Paulo, do Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte, de todos os Estados, estão em combate nas fríidas escarpas das montanhas italianas. Estas são as frentes mais rigorosas. Muita luta nos espera quando atravessarmos o vale do Pô, avançando pelos Alpes, ao norte, para alcançarmos o território da própria Alemanha. Mas quando conseguirmos isto, as tropas brasileiras estarão lutando lado a lado das fôrças norte-americanas, britânicas, russas, polonesas e francesas. Porque com sua fôrça expedicionária na Europa o Brasil mostrárá ao mundo inteiro que é uma potência com que se pode contar — em tempo de guerra e de paz.

Uma preparação árdua

Nos Estados Unidos bem podemos apreciar o orgulho nacional, a obra inteligente e o tremendo esforço que entram na preparação brasileira. O aspecto macabro, selvagem da guerra na Europa é difícil de ser compreendido nestas pacíficas regiões do Novo Mundo. É uma verdadeira guerra mundial a ser travada até o fim com toda a vasta maquinaria da moderna civilização e, o que é mais importante, com a decidida coragem de soldados unidos.

Esta é a prova final no campo de batalha. Mas antes de entrarem em ação contra o inimigo, os oficiais e soldados da Fôrça Expedicionária Brasileira tiveram que enfrentar muitas outras dificuldades. Nós, norte-americanos, podíamos ajudá-los com as nossas novas armas e nossos técnicos já familiarizados com elas. Mas, em última análise, o exército brasileiro, tal como o de qualquer outra grande nação, tinha que solver ele mesmo os maiores problemas.

Era preciso deixar armas velhas por novas, e aprender a usá-las com presteza e eficiência. Tinha ainda que mudar de clima — dos dias tépidos e de sol das plagas brasileiras para as regiões nevoadas e frias da Itália. Há mais de 25 anos parti de Nova York com a primeira divisão do exército americano, que, sob o comando de Pershing, ia entrar em combate na



A infantaria brasileira, depois de haver tomado de assalto uma vila, avança para novas posições na difícil campanha de inverno na frente italiana

A pouca distância da frente de combate: um posto de abastecimentos dos tropas brasileiros que mantêm o constante ataque contra as linhas inimigas



O pessoal da aviação brasileira carregando as bombas num avião P-47. São tropas adidias ao 12º Grupo Aéreo norte-americano em operações na Itália

A guarnição de um canhão anti-tanque das tropas brasileiras protegendo a infantaria que acaba de capturar uma vila italiana depois de renhido combate



França. Nós também tivemos que seguir para terras estranhas o aprender a usar novas armas antes de enfrentarmos o inimigo. As minhas experiências durante a primeira guerra mundial, na Europa, me permitiram avaliar exatamente as dificuldades enfrentadas pelo Brasil ao entrar corajosamente nesta guerra.

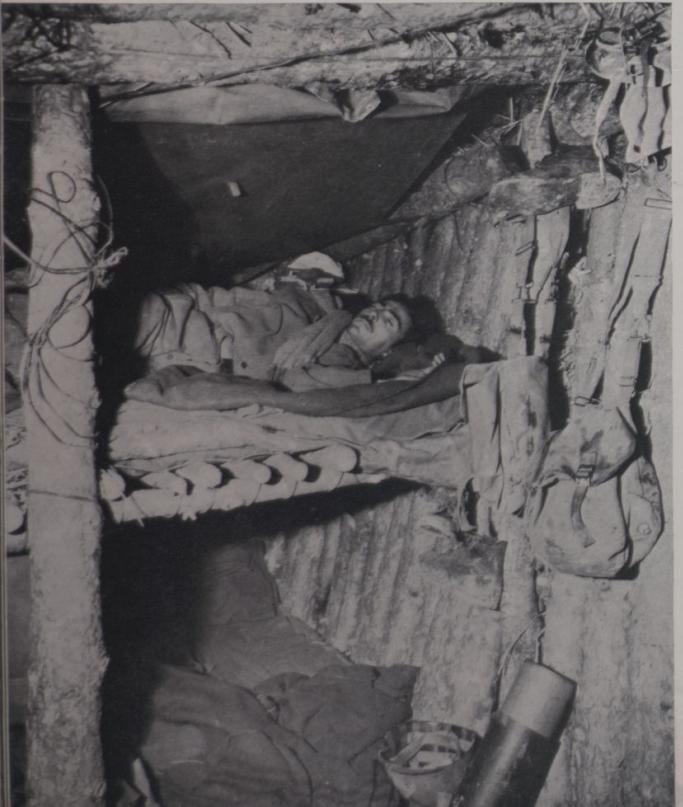
Tive ocasião de observar uma das fases iniciais da formação da Fôrça Expedicionária Brasileira. Sua organização foi baseada, naturalmente, nos elementos do exército regular brasileiro, completando-se com o voluntariado de todos quantos estavam em condições de prestar serviço militar. Foi instruída pela nata do Exército brasileiro, na qual se destacam muitos oficiais graduados das grandes escolas militares da Europa, influenciados pelos ensinamentos da missão militar francesa, durante sua longa permanência no Brasil.

Seu equipamento era o melhor possível, mas procedente de fontes europeias, até mesmo da Alemanha. Contudo, a influência norte-americana, na instrução da tropa e no uso do material bélico, cresceu constantemente, num esforço mútuo para ativar a constituição da Fôrça Expedicionária de modo a ser, como a dos Estados Unidos, uma fôrça caracteristicamente americana. Logo que foi possível dispor das melhores e mais modernas armas norte-americanas foram as mesmas embarcadas para o Brasil, iniciando-se então, primeiro a instrução dos oficiais e depois a da tropa, no seu uso e manejo. Poucos meses depois foi-me dada oportunidade de ver a

(Continua)



Os soldados Salomé Jacinto da Silva e Teodoro Pessoa, do Rio Grande do Sul, e Ailton Nascimento Nunes, do Rio de Janeiro, guarnecendo uma peça de 105 mm. na frente italiana. Aqui estão se aquecendo em redor de um fogão na trincheira que comunica com o local onde está a peça. Em baixo: Nunes dormindo



realização do sonho que animava os esforços dos militares brasileiros. O General Mascarenhas tinha aportado à Itália, com seu estado-maior. Já tinha providenciado para o desembarque do primeiro contingente, que, sob seu comando iria passar pelos últimos detalhes de preparação para assumir o respectivo setor na frente de batalha.

O segundo contingente também chegara e a maior parte da força brasileira já tinha se reunido para entrar em ação, antes de eu chegar a Itália para ver novamente os brasileiros. Encontrei-os num dos setores mais ativos e arriscados, nos altos dos Apeninos, com o inimigo ainda dominando os pontos mais elevados. Os problemas de um comandante ao dirigir os primeiros elementos de suas forças em batalha são muito sérios. São problemas que nós tivemos que enfrentar e que o General Mascarenhas está agora resolvendo. Primeiro foi a questão de armas e equipamento. As tropas brasileiras tiveram ambos em bastante quantidade no Brasil e estavam tendo o melhor e mais moderno tipo de munição na Itália, procedente do *arsenal da democracia*. A seguir, outro importante detalhe: alimentação. Havia as rações norte-americanas, em grande abundância, rações excelentes. Mas são rações norte-americanas. O soldado brasileiro gosta de feijão e arroz e de café. Tudo isto foi fornecido pelo Brasil.

Os uniformes foram outra dificuldade. Eram muito leves para uma campanha de inverno nas montanhas da Itália. Por isto, o General Clark mandou fornecer roupas de baixo, de lá, dos estoques do Quinto Exército dos Estados Unidos, e também sapatos dos usados nas regiões árticas, muito convenientes para quem permanece em trincheiras de lama, exposto aos rigores do frio. O uniforme verde foi outro problema — assemelhava-se muito ao verde-cinza usado pelo soldado alemão. Com o fornecimento da nossa jaqueta de campanha para ser usada por cima do uniforme, o problema ficou resolvido.

Mas o maior problema a ser enfrentado por qualquer comandante é um que só pode ser solucionado em meses e anos de constante esforço, repassado de muito sangue e suor. É a necessidade de forjar no fogo das batalhas uma infantaria de ferro, capaz de arrebatar de assalto qualquer posição ocupada pelo inimigo, mesmo nos picos mais elevados dos Apeninos — e nunca mais largá-la de mão. Isto é o máximo que se pode exigir de qualquer soldado.

Na Itália, o *front* é os peores, com as montanhas que se elevam quase a prumo. Nesta frente de batalha estão as tropas mais aguerridas de todas as partes do mundo. Há os Cárkás, do Himaláia, que avançam como que dotados de cremalheiras; os poloneses — espalhados em todos os teatros da guerra na Europa — cujo maior objetivo na vida é matar alemães, na sua árdua jornada de regresso à pátria. Há os ingleses, em divisões desbastadas por vários anos de guerra, mas ainda comprovadamente compostas de soldados de formidável disposição para o combate. Há também os norte-americanos — já veteranos de anos de batalha e que, mais e mais, estão suportando o peso de qualquer grande assalto. São estas as tropas com as quais a infantaria brasileira está aprendendo.

O conjunto combatente

A infantaria está sob o comando do General Zenóbio e à sua ação estão subordinadas as atividades das demais armas. Tive ensejo de ver o fogo da artilharia apoiando um assalto. Francamente, não acredito que se possa esperar melhor apoio. Operando coordenadamente com a artilharia norte-americana, seu fogo era intenso e acurado. Seu comandante, o General Cordeiro de Farias, comprova a cada momento o conceito de excelente artilheiro em que é tido. E assim seus oficiais, todos senhores de perfeita técnica!

A aviação, representada pelo Grupo de Caça, apresenta-se como uma louvável obra do próprio Ministro da Aeronáutica, Dr. Salgado Filho. Ele visitou o *front* brasileiro durante o auge de um combate, notando a pista de aterrissagem dos pequenos aviões de observação da artilharia, geralmente pilotados por aviadores brasileiros. Vi o Grupo de Caça sob o comando do Coronel Nero, numa radiante manhã italiana, quando ele levantava o vôo para realizar uma missão de bombardeio das linhas de comunicações alemãs, ao norte de Veneza. Outra missão naquele dia foi bem ao norte do setor brasileiro, em plena montanha, onde as condições de vôo são quase sempre más, e a infantaria, atolada na lama, sempre tem prazer de ver um avião amigo, americano ou inglês, lançar algumas cargas contra as posições inimigas.

Os aviadores brasileiros são dos melhores, selecionados pilotos de vocação, de conhecimentos altamente aperfeiçoados, combatendo nas mesmas condições dos aviadores americanos do Grupo Aéreo, do qual fazem parte integrante. Todos falam muito bem inglês. E o pessoal de terra também representa um elemento de alta qualidade, em competência e eficiência. Aviadores e pessoal de terra são essencialmente unidades de combate. Em geral as complexidades de abastecimentos, as quais se fazem sentir desde as fábricas nos Estados Unidos até a frente de combate, ficam a cargo das

Após dias consecutivos de intensas operações de guerra estas tropas brasileiras passam para as linhas da retaguarda, onde terão um dia de repouso

Fôrças de Serviços americanas, especialmente organizadas para isso. Digno de menção é também o serviço médico e o das enfermeiras. Muitos dos médicos são profissionais de grande reputação, e em parte alguma se demonstra este fato mais claramente do que numa frente de batalha, em face das contingências inevitavelmente criadas para a medicina e cirurgia.

O valor de qualquer força de combate está na dependência direta dos reforços de que dispõe. As baixas causadas por mortes, ferimentos e doenças são uma constante sobrecarga em nossos exércitos que precisam, infelizmente, contar cada vez mais com sangue novo. Este é um problema que todas as nações em guerra na Europa tem encontrado dificuldade de resolver. Mas por enquanto, as nossas necessidades têm sido satisfeitas.

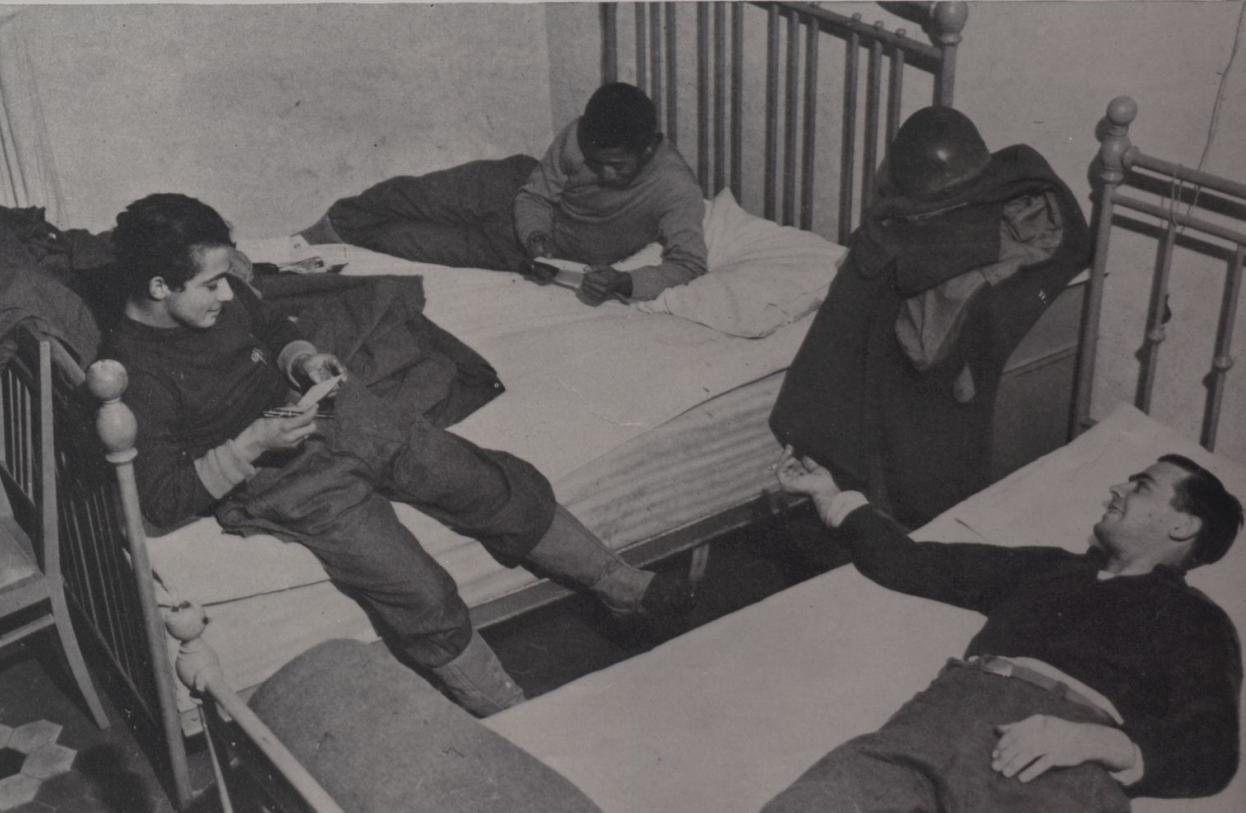
Uma das cenas que mais me impressionaram na Itália foi a passagem de numerosas tropas brasileiras que se preparavam para ir reforçar o *front*. Eu tinha deixado pouco antes outras tropas brasileiras em plena neve e nevoeiro, nas montanhas. Mas agora, estávamos numa base ao sul, de clima ameno, de dias de sol radiante.

As tropas estavam acampadas confortavelmente nos terrenos do palácio dos soberanos italianos, lindamente acharjados, com extensos gramados pontilhados de árvores magestosas. Populares italianos aproximavam-se do acampamento, atraídos pelo interesse que lhes despertava a presença de seus aliados.

A soldadesca tinha estado em longa viagem marítima e não escondia a satisfação de estar finalmente em solo italiano. Marchavam a passo acelerado pela estrada, em seus primeiros exercícios de resistência, preparando-se para a espécie de terreno que iriam encontrar montes acima. As barracas estavam bem armadas e convenientemente alinhadas, e das cozinhas ambulantes via-se a fumaça convidativa. Com este clima, os brasileiros deviam sentir-se como em sua própria pátria.

Este foi, exceção feita de meus encontros com velhos amigos em Roma, o meu último contato com a Fôrça Expedicionária Brasileira na Itália. E a impressão que me deixou esse contato traduz a verdadeira significância da presença do numeroso exército brasileiro na guerra: impulsionar a vitória.

O capitão Alvaro La Roque Couto (à direita), provando a "boia". Bôa alimentação e bôas camas servem para compensar as fadigas da guerra. Em baixo: Descansando um pouco no alojamento. Vêem-se o cabo Raymundo da Silva, de Minas-Gerais, e os soldados Lucindo Martins e João Traskos, do Paraná





Protegendo o consumidor: todo artigo vendido nas farmácias e drogarias devem conter indicação completa da sua composição no respectivo rótulo

PROTEGENDO O CONSUMIDOR

O Dr. Paul B. Dunbar, valioso técnico do laboratório bromatológico da Administração de Alimentos e Drogas



SEJA qual for o produto medicinal exposto à venda nas drogarias dos Estados Unidos, há sempre no rótulo explicações detalhadas sobre as suas qualidades e limitações das suas propriedades. Dessa forma, o consumidor é informado em linguagem simples e verdadeira sobre o que está comprando. A mulher que compra um cosmético pode estar certa de que o produto não lhe causará mal algum à pele, se for usado segundo a direção constante do rótulo ou da bula, ficando também protegida contra qualquer garantia extravagante de beleza. Nos armazéns de sêcos e molhados o consumidor está igualmente certo da garantia da qualidade e do peso do artigo que ele compra.

Estas e outras salvaguardas são o resultado de muitos anos de esforço contínuo e paciente de uma repartição pública relativamente pequena dos Estados Unidos — a Administração de Alimentos e Drogas.

Os produtos tóxicos são rotulados como tais, com letras bem visíveis. Desde 1914 que é proibida a venda de narcóticos sem prescrição médica, sendo que, desde 1938, foi essa restrição extensiva a certos produtos sulfanilamídicos. Pilulas, tónicos e ungüentos vendidos no balcão têm que apresentar no respectivo rótulo a lista dos ingredientes, em linguagem vulgar, explicando a maneira de usar, em que casos deve ser usado e quando o uso pode ser perigoso. Em vez dos antigos rótulos garantindo a cura da tuberculose, do câncer, de maleitas ou de sarapomo, com um só remédio, os "preparados farmacêuticos" apresentam-se atualmente com aviso bem claros, como por exemplo: "Evite-se o uso deste laxativo se houver dores abdominais e outros sintomas de apen-

dite." Ou ainda: "O uso frequente ou continuado deste preparado pode formar hábito ou dependência de laxativos." A lei é rigorosa, estipulando pena de multa e prisão aos fabricantes em cujos produtos sejam omitidos os rótulos ou modo de usar e demais avisos necessários. Tais infrações são colocadas no mesmo nível das declarações falsas sobre qualquer produto. Quanto à adulteração de drogas ou de produtos alimentícios, o crime está previsto na própria lei federal de 1906 que criou a Administração de Alimentos e Drogas.

A repartição cujos laboratórios estão em atividade constante em tempo de paz mantendo a vigilância contra a venda de gêneros alimentícios ou de drogas que possam comprometer a saúde pública, destaca-se também como uma das mais eficientes no esforço de guerra. Todo o serviço de análise de inseticidas para serem usados pelas forças combatentes, de drogas e produtos farmacêuticos fornecidos ao Exército é feito nos seus laboratórios, num total de mil análises por mês.

Não obstante esse encargo adicional, seu laboratório bromatológico continua alerta contra qualquer adulteração ou falsificação de produtos alimentares num período como o atual, de emergência, de escassez e rationamento. Em suas freqüentes visitas às fábricas, os inspetores exigem rigorosa observância quanto as condições higiênicas locais, mesmo a despeito da escassez de pessoal.

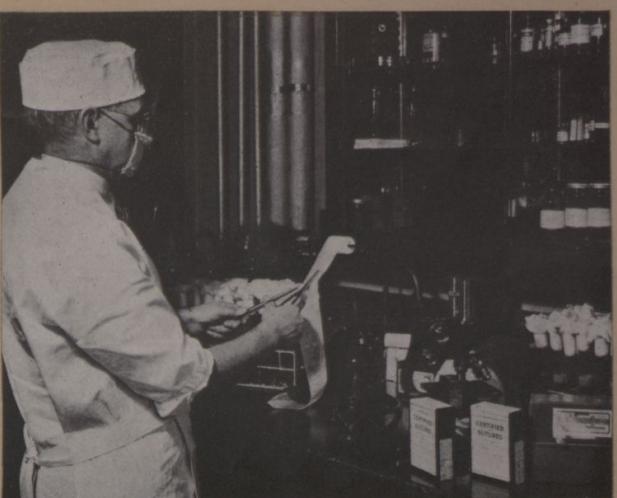
Os produtos de importação

Seu controle sobre produtos importados tem-se tornado mais complicado com o estado de guerra. A lei determina que os produtos importados devem ser fabricados sob condições similares às exigidas nos Estados Unidos. Alguns fabricantes, de outros países americanos, que começaram a exportar para a América do Norte, não estavam familiarizados com as exigências da lei norte-americana no tocante à apresentação e conservação de drogas e produtos alimentícios, para garantir-lhes a boa qualidade, livre de qualquer adulteração e convenientemente rotulados. Muitos interessados têm escrito à Administração, ou enviado representantes para se informarem pessoalmente de detalhes regulamentares, de maneira a garantir para seus produtos uma inspeção satisfatória nos portos de entrada.

A principal função da repartição continua a ser, entretanto, a verificação do peso exato dos produtos, a inspeção das fábricas, e a análise de produtos importados afim de verificar se satisfazem os padrões estabelecidos. O Congresso ao legislar sobre drogas e alimentos não garantiu o consumidor contra a compra de remédios que sejam, por exemplo, pura água ou de alimentos de valor nutritivo inferior ao padrão reconhecido. Mas determinou que tais fatos constem dos respectivos rótulos para que o consumidor leia e fique informado.

(Continua)

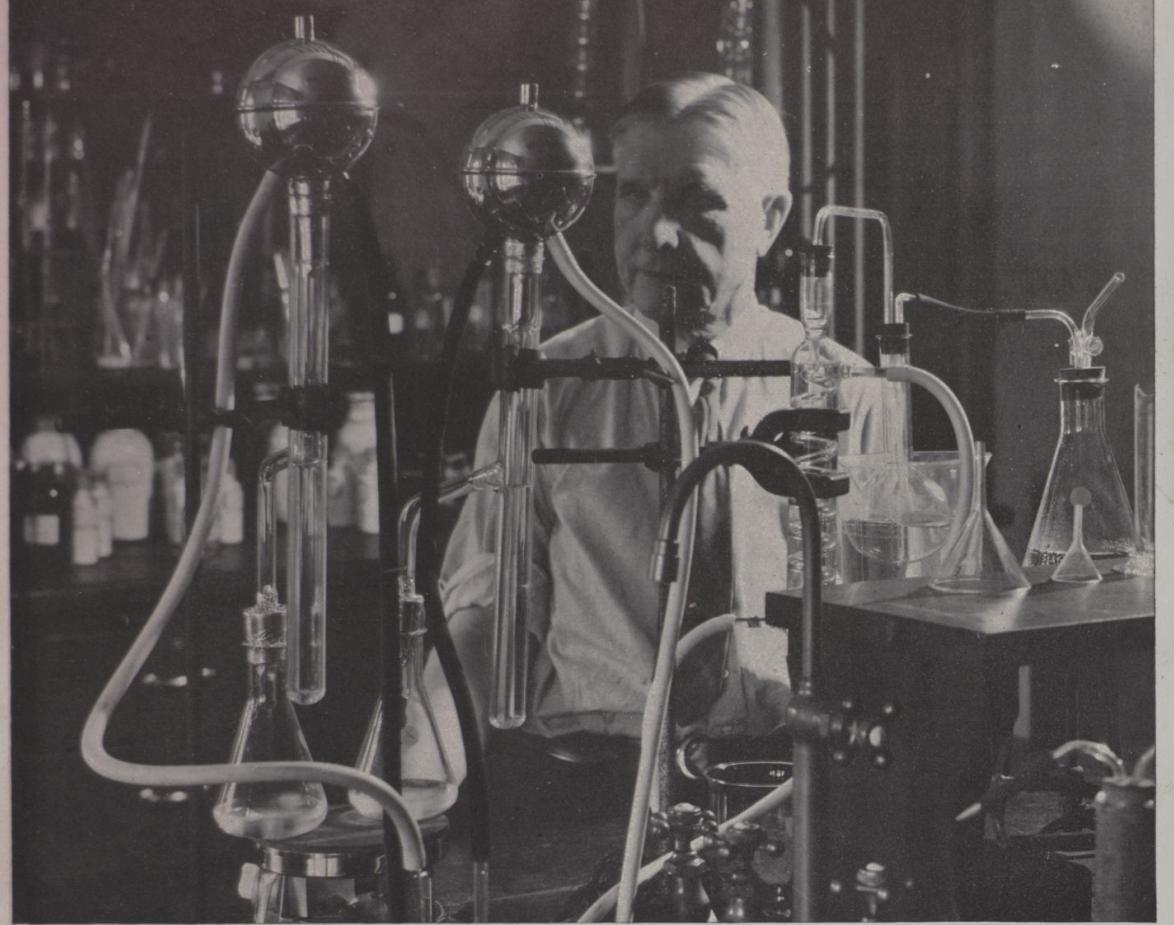
A rigorosa fiscalização de pesos e medidas no comércio é uma das constantes preocupações de importante repartição



Gazes e ataduras são submetidas a rigorosas provas para garantir sua esterilidade. A Administração conta com dezenas de estações equipadas de laboratórios para tais análises

Tanto em cosméticos como em outros produtos, a lei determina a observância de certo padrão de qualidade e pureza, condenando todos os artigos que não satisfazem tais condições





No laboratório central de bromatologia, onde os técnicos estão em constante atividade na análise de produtos alimentícios de todas as qualidades

mado ao fazer a compra. É uma maneira de definir responsabilidades, proteger o público e sanear o mercado. Os bons produtos garantem-se por si mesmos; os produto inferiores ficam expostos à deficiência dos seus próprios méritos, numa concorrência livre.

A Administração de Alimentos e Drogas tem 900 funcionários, dos quais 200 exercem funções de inspetores trabalhando em 16 estações providas de laboratórios, localizadas em vários pontos do país. A sede da Administração em Washington está instalada com moderno equipamento científico avaliado em milhão e meio de dólares, a cargo de biólogos, bacteriologistas, químicos-farmacêuticos e outros especialistas.

Um trabalho intenso

A ação da importante repartição não se resume sómente nos trabalhos dos laboratórios central e seccionais. Para maior eficiência e generalização do serviço de análises há ainda os laboratórios ambulantes, instalados em "trailers". Em 1944 o total das análises e inspeções de alimentos, drogas e cosméticos atingiu a 56.000.

À testa destas incessantes atividades está o Dr. Paul B. Dunbar, confeituado químico e doutor em filosofia. Amável e prazenteiro, aos 62 anos de idade não se abate o seu entusiasmo e interesse de participar, com sua reconhecida autoridade e experiência profissional, em todas as atividades no Congresso e nas várias organizações científicas sobre legislação e regulamentação de drogas e alimentos. É um campo de contínuas e proveitosa observações em que a confiança do público consumidor é constantemente fortalecida pela adoção de medidas protetoras de grande alcance

industrial, profissional e social. Em 1938, legislação adicional foi aplicada às especialidades farmacêuticas, regulando sobre os rótulos, bulas e demais direções e advertências que acompanham todos os produtos.

Vários produtos alimentares têm tido sua classificação uniformizada, depois de ouvidos, publicamente, as partes interessadas. E os produtos que por qualquer circunstâncias não correspondem exatamente à padronização estabelecida, mas que não ponham em risco a saúde pública, devem apresentar no rótulo a constatação deste fato.

Todas as drogas novas (e a média do seu aparecimento é de 125 por mês), têm que ser analisadas e aprovadas pela Administração de Alimentos e Drogas antes de serem expostas à venda. Os peritos da repartição são extremamente escrupulosos em suas análises, quer se trate de um caso de investigação de alguma possível infração, ou de simples verificação da presença de substâncias tóxicas em produtos alimentícios. No ano passado, em Washington, três mulheres queixaram-se de mal-estar depois de terem comido um bolo de confeiteira.

O bolo era um dentre seis preparados com a mesma massa. Os inspetores conseguiram encontrar intactos quatro bôlos, mas o último fôr vendido a "uma mulher desconhecida que aparecera na confeiteira oferecendo à venda extrato de baunilha." Outro comprador da baunilha recordou-se de que a mulher em questão havia mencionado o nome dum a cidade, onde residia o irmão. Através de dêste ligeiro indício puderam os inspetores localizar o bolo ainda intacto, no Canadá. Não se sabe quantas vidas foram salvas, mas, para os inspetores, foi um caso de rotina diária, porque todo dia estão elas salvando muitas e preciosas vidas, através de suas análises.



Um soldado alemão empunha a bandeira branca e rende-se. Milhares de combatentes nazistas têm feito o mesmo, à medida que avançam as tropas aliadas→

Arts Studio, Inc., 20, Ivan Dmitri, 21, Philadelphia Inquirer Natural Color Photo, Pictograph, respectivamente Acme, Int., cortesia de Panoramic (por Max Coplan), Páginas Int., 1, Int., 2, Int., 3, Corpo de Sinalizadores do Exército, 3, Corpo de Sinalizadores do Exército, 4, Guarda da Costa, Julian Bryan, 5, Phil, Gendreau, 6, Acme, Int., 7, Camera Click, Int., Acme, 8, Harris & Ewing, Int., 9, Marjorie Ashworth, 10, Int., By-Line Features (de Int.), 11, Acme, PA, Int., 12, Int., Acme, PA, 13, Sovfoto, 14, Acme, Int., 15, PA, 16, 17, 18, 19, Creative Arts Studio, Inc., 20, Ivan Dmitri, 21, Philadelphia Inquirer Natural Color Photo, Pictograph, 22, 23, Acme, 24, Int., Acme, PA, Harris & Ewing, 25, Acme, Int., 26, 27, Acme, 28, PA, 29, Charles Phelps Cushing, 30, Acme, FPG, Acme, Frederic Lewis, 31, PA, Harris & Ewing, Acme, PA, 32, Carroll Van Ark, 34, 35, 36, 37, Alan Fisher (do CAI), 38, Drug Topics.